

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário

José Joaquim Gaíta

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1940

N.º 6

A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

I

QUANDO penso nas nossas especulações científicas e nos resultados a que nos levam raciocínios e deduções, não posso esquecer a nefasta obra do materialismo que, em certas épocas da história, tomou de assalto estabelecimentos de ensino, laboratórios e academias, fazendo tábula rasa de tudo o que nos legaram os sábios e filósofos da antiguidade.

Em todos os tempos houve distinção entre espírito e matéria, em todos os tempos o mundo das ideias representou papel preponderante no embróglio das hipóteses defendidas por diversas escolas que pretenderam explicar o fenómeno biológico.

Desde Sócrates, que estabeleceu a existência da alma pelo raciocínio, até os enciclopedistas que se deixaram arrastar pelas ideias de Locke, ¡que série enorme de tentativas, no sentido de arrancar a verdade à sua torre de marfim!...

A alma humana foi objecto de estudos vários e por vezes contraditórios, segundo a índole dos pesquisadores.

Platão admite a preexistência da alma e Aristóteles a sua imortalidade. Epicuro crê

na alma, mas não hesita em reduzi-la a simples composição atómica, que morre com o corpo. Zenon ergue uma barreira entre a sensação das ideias gerais e os sentidos. Os neoplatónicos vão mais além, porque não só afirmam a preexistência, como admitem a necessidade da reencarnação.

Após a Idade-Média, a Igreja começa a impor os seus dogmas. A razão dos antigos é agora substituída pela fé e ¡ai daquele que reaja, que esboce a mínima tentativa de regresso!

Mas o progresso é incessante e não respeita os artifícios, nem os preconceitos da civilização. E, assim, Bacon cria a ciência indutiva. Procura o conhecimento pela observação.

Mais tarde, surge Descartes com o seu *co-gito, ergo sum*, sobre o qual edifica um sistema filosófico que destrói todas as teorias opostas à existência e espiritualidade da alma.

Penso ; logo, existo. Esta afirmação transforma-se em axioma. É impossível negar o pensamento, que verificamos, à medida que se exerce.

Bacon e Descartes deram origem a duas escolas. Dum lado, enfileiram Bossuet, Fénelon, Mallebranche e Spinoza ; do outro, Hobbes, Locke e Gassendi.

Emquanto Hobbes só admite a sensação como origem das ideias, Locke opõe-se a Descartes, no tocante às ideias inatas e funda a psicologia.

Depois, aparece Leibniz, como traço de união entre as duas escolas, mas é infeliz na tentativa, porque o sistema que defende não lhe sobrevive.

A luta, depois estabelecida, entre a escola eclética e a escola materialista, dá origem a que esta última estude o corpo humano e pretenda impor o pensamento, como atributo da matéria.

Emfim, foi grande a série de indagações realizadas por muitos sábios, sem que, jamais, chegassem a concluir qualquer coisa evidente e definitiva.

Há, portanto, duas questões que se levantam perante a consciência universal, em forma de interrogação :

¿ Existe o espírito, como entidade independente da matéria ?

¿ Espírito e matéria constituem aglomerado ou combinação química, insusceptíveis de análise ?

* * *

Há que reconhecer a perícia, a meticulosidade com que os materialistas medem e pesam todos os fenómenos físico-químicos que se exercem na máquina humana, passando-os ao cadinho de cómodas teorias.

Não há dúvida. Trabalham afanosamente, suam e tressuam e abanam a cabeça, em me-neio olímpico, em tácita afirmação, segundo a qual nada mais existe, senão matéria. Matéria, matéria e matéria. Só identificam factos reconhecidos pelos sentidos, os cinco pobres sentidos que localizam a percepção, restringindo-a, tanto quanto a sua ciência lhes permite.

Alma, é coisa que nunca encontraram, nas suas excursões pela carne.

Pelo menos, Broussais assim o declarou, peremptoriamente :

— Dissequei muitos cadáveres, sem nunca poder encontrar a alma.

E com esta afirmação rotunda, cheirando

a *magister dixit*, julgou deixar o mundo boquiaberto.

Se entendesse alguma coisa da ciência da alma, saberia que o mundo não se assombra por tão pouco.

Buscar a alma no cadáver é o mesmo que pescar trutas a bragas enxutas.

E chamam lunáticos aos espiritualistas, só por que estes admitem a existência de coisa tão... problemática, imponderável e invisível. Esquecem-se, porém, de que perderam a autoridade, desde que admitiram coisa, igualmente, problemática, imponderável e invisível, a que chamam *vida* e cuja definição nos deixa indiferentes, pela maneira vaga como é expressa.

¿ Que é a Vida ?

Dizia Laugel : «A química contenta-se com palavras, sempre que não pode penetrar na essência dos fenómenos. ¿ De que assunto se preocupa ela, sem cessar? Da afinidade. ¿ Não está aí, acaso, uma força, igualmente, hipotética? A química deixa à fisiologia a ideia de vida e recusa ocupar-se dela. Mas, a ideia, em torno da qual se desenvolve a química, ¿ apresenta, porventura, alguma coisa de mais real? Semelhante ideia é, frequentemente, impossível de depreender-se, não só na sua essência, mas, também, nos seus efeitos. Pode, na verdade, meditar-se um instante acerca das leis de Bertholet, sem que se note estar-se em face dum mistério impenetrável? Nas experiências que lhes serviram de alicerce, as reacções químicas foram arroladas entre as condições de ordem puramente estática e independentemente das afinidades propriamente ditas; entretanto, no fenómeno da combinação, isto é, nessa atracção que precipita os átomos à função, mesmo desagregando-os dos compostos que os retinham, ¿ não existe, porventura, assunto para confundir o espírito? Quanto a mim, penso que, quanto mais se estudam as ciências em sua metafísica, mais se pode ficar convencido de que esta nada tem de inconciliável com a filosofia mais idealista. As ciências analisam as relações, incumbem-se de medir, descobrem, mesmo, as leis que presidem o mundo dos fenómenos; porém, nenhum problema existe, por mais humilde que seja, que as não coloque em face de duas ideias, a respeito das quais o método experimental não tenha infe-

rência : em primeiro lugar, a essência da substância modificada pelos fenómenos, e, em segundo lugar, a força que provoca essas modificações. Conhecemos e vemos, somente, as exterioridades, as aparências ; a verdadeira realidade, a realidade substancial e a causa, ignoramo-las.»

¿ Que vem a ser a vida ? ¿ Qual o sábio que no-lo pode dizer, sem eufemismos, nem ambigüidades ?

¿ Qual a sua especificação ?

Os efeitos é que eles analisam, os efeitos é que eles perscrutam ; mas a causa, a força que põe a matéria em movimento, essa, escapa-se-lhes, como peixe seguro pela cauda...

¿ Que é que preside os fenómenos biológicos ? ¿ Que é que ordena, harmoniza, equilibra o sêr organizado ? ¿ Qual o agente que dirige a cicatrização duma ferida, que faz nascer a unha no dedo esfacelado, que reconstitue as papilas digitais, após a destruição da epiderme ?

Não há nada mais simples. Esse misterioso artifice, verdadeiro operário de sete ofícios, é o *princípio vital*. Aqui está outro *invisível* que o materialismo chama em seu auxílio, nos momentos psicológicos.

Mas a situação é pouco invejável. ¿ Não acreditam na alma, porque nunca a *dissecaram*, e inventam o princípio vital, muito mais abstracto do que a alma !

Combatem realidades com ilusões.

A circulação da matéria

Moleschott diz que a circulação da matéria é a alma do mundo. E acrescenta que a força é inseparável da matéria. Uma, não pode existir sem a outra. A matéria é que preside tudo. Do mundo orgânico é que sai o mundo espiritual. Alma, Deus, vontade, sensibilidade, são miragens sem sentido. Quando muito, podem ser modificações da matéria.

Isto diz Moleschott, tido e havido como grande mestre na matéria. O seu livro «*La Circulation de la Vie*» é considerado um evangelho e as suas opiniões, em forma de parábola, são máximas intangíveis a que se não pode arrebatrar um til.

Moleschott não tem razão. A mais leve meditação, o raciocínio mais ligeiro, demonstram que o seu erro está ao alcance de todas as inteligências. Basta apreciar o conjunto que nos rodeia, para ver que a matéria sofre

modificações incontáveis, sujeitas, sempre, a leis absolutamente lógicas. Verificamos logo a existência duma força directriz que orienta os menores movimentos e à qual tudo obedece, invariavelmente. A contemplação do céu, em noites estreladas, o movimento dos astros, o fluxo e refluxo das marés, o germinar das plantas, enfim, tudo nos indica a verdade dessa força inteligente, sem cuja direcção o mundo seria um caos informe.

¿ Quem empunha a batuta mágica que manda florescer, ao mesmo tempo, todas as plantas da mesma espécie e coordena as necessidades de cada indivíduo ?

A circulação da matéria pode, sem dúvida, chamar-se a alma do mundo, no sentido de que o movimento é vida, efeito de energia criadora, visto manter a vida material do planeta em eficiência progressiva.

Mas, pergunto eu: ¿ Quem dirigiu e dirige a evolução geológica, dando à Terra as propriedades inerentes às necessidades e condições da vida universal ?

Se me dissessem que é a Natureza, nada teriam adiantado, excepto se a natureza de que falam fôsse aquilo a que chamamos Deus, foco gerador de todas as coisas. E, então, passaria a haver duas naturezas : uma, de matéria bruta, sujeita às leis da inércia, e outra, criadora e impulsionadora, a que tudo obedeceria. Era questão de dialética, de argumentação engenhosa. Mas semelhante argumentação seria falha de base científica.

O pior é que o Universo é feito de matéria comum, e os grandes sábios da fisico-química, como Laplace, Newton e d'Alembert, afirmam que os corpos em repouso não podem deslocar-se por si mesmos e que, entregues a si mesmos, repousarão, eternamente, no estado de movimento ou repouso uniforme.

Ouçamos Laplace :

«Um ponto em repouso não pode transmitir a si mesmo o movimento, visto que não dispõe de raciocínio que lhe faça preferir o movimento, quer para este, quer para aquele lado. Solicitado por qualquer força e, depois, entregue a si mesmo, move-se, constantemente, de modo uniforme, na direcção dessa força, sem experimentar nenhuma resistência, o que equivale a dizer que a sua força e direcção de movimento ou de repouso, corresponde ao que se denomina *inércia*, que é a primeira lei do movimento dos corpos.»

Ouçamos, também, Cláudio Bernard :

«A matéria, *qualquer que seja*, apresenta-se, sempre, desprovida de espontaneidade e nada engendra; só exprime, por meio de suas propriedades, a idéa de quem criou a máquina que funciona. De maneira que a matéria organizada do cérebro, que manifesta fenómenos de sensibilidade e inteligência, características do ser vivente, não tem do pensamento e dos fenómenos que ela manifesta mais consciência que a matéria bruta duma máquina inerte, dum relógio, por exemplo, no que se refere à consciência dos movimentos que executa ou da hora que indica; assim, também, os caracteres tipográficos e o papel não têm consciência das ideas que produzem.»

Isto bastará para pôr em dúvida as afirmações de Moleschott. Mas este ilustre químico tem opiniões muito curiosas acerca do princípio pensante, pois afirma que, no interior dos corpos, se executam movimentos incessantes da matéria e variadíssimas transformações, acrescentando que os factos justificam, plenamente, a *suposição* de que o corpo renova a maior parte das suas substâncias, ao cabo de vinte ou trinta dias e que até o ar que respiramos muda, a cada instante, a composição do cérebro e dos nervos.

Então, se o corpo se renova ao fim dum mês, se o próprio ar que respiramos altera, constantemente, a composição do cérebro, como podemos nós conservar, após tantos anos, a lembrança do que fizemos em criança? Eu tenho a consciência e a certeza de que sou o mesmo indivíduo que era há vinte anos, a-pesar das vicissitudes, dos sofrimentos por que tenho passado, no decorrer da existência. Como poderá Moleschott explicar este fenómeno?... Onde é que reside a memória do que fomos?

Idéas como as de Moleschott, não podem continuar a correr mundo, sem o mais exemplar correctivo. Se fôssemos, apenas, mero agregado molecular, de que serviriam as leis morais e como explicaríamos as tendências para o bem e para o mal? Não haveria possibilidade de regeneração, visto que tal circunstância estaria dependente da nossa disposição orgânica. Tão somente.

! Parece incrível que ainda haja gente culta que tome a sério a ciência destes mestres! Não há direito de seguir tal escola, sob pena de se abdicar do próprio raciocínio. Se até o ar que respiramos altera a composição do cé-

rebro, segue-se que devemos mudar todos os dias, visto que todos os dias respiramos alguns milhares de vezes...

O homem não é, tal, simples máquina, a que o pretendem reduzir os senhores materialistas. Máquinas com vontade própria, senso moral e presciência, dotadas de livre-arbítrio e responsabilidade, eis uma coisa que nunca vi.

O cérebro e o pensamento

Vê-se que as teorias do químico holandês são tudo quanto há de menos razoável e que existe uma idea directriz em todos os fenómenos naturais. Se a força fôsse atributo da matéria, as pedras e os metais deviam poder deslocar-se por si mesmos, sem que agentes exteriores lhes transmitissem movimento. E o contrário é que se vê. Um corpo permanece no estado em que se encontra, depois de cessar a força que o moveu. O mesmo diremos, no tocante ao universo. Este acha-se em movimento, em virtude de se manter ainda a força que o impulsionou. Como vemos, as verdades materialistas são fáceis de contestar e o mais elementar raciocínio nos leva a concluir pela existência de dois princípios independentes entre si: Força e matéria.

Mas o grande argumento dos materialistas, com o qual enchem as velas pandas do seu orgulho, é o seguinte:

— O cérebro é o órgão por onde se manifesta o pensamento; logo, o pensamento é produzido pelo cérebro.

Acêrca do mesmo tema, escreveu Carlos Vogt:

«Todos os observadores chegarão, por séries de raciocínios lógicos, à opinião de que as propriedades designadas pelo nome de *actividades da alma*, são apenas funções da substância cerebral; e, para me exprimir de modo mais grosseiro, direi que o pensamento é, pouco mais ou menos, para o cérebro, o que a bília é para o fígado e a urina para os rins.»

Haeckel afirmou que a actividade espiritual era uma função do cérebro, governada por fenómenos mecânicos; e Metchinikoff não teve pjeo de dizer que a noção de aniquilamento total se tornou corrente, aceita pela maioria das pessoas ilustradas.

! Como é que o tangível pode gerar o intangível?

Aqui é que está o busilis. O materialismo

tem necessidade de fazer derivar o pensamento do cérebro, para evitar incongruências desastrosas. Para isso, concorreram os processos da físico-química, com toda a veemência das suas erradas e prematuras conclusões.

Eis, como Cabanis tenta explicar esta complicada mecânica :

«Percebemos que as impressões chegam ao cérebro, pela intervenção dos nervos. Nesse momento, acham-se isoladas e sem coerência. Logo que o órgão entra em acção, actua nas impressões e reflete-as depois, transformadas em ideas, que a linguagem da fisionomia, dos gestos, ou dos sinais da palavra e da escrita manifestam, externamente, donde concluímos, com a mesma segurança, que o cérebro digere, de certo modo, as suas impressões e faz a secreção do pensamento.»

E Moleschott, o impagável Moleschott, acrescenta que o pensamento é um fluido, como o calor e o som : É — diz elle — um movimento, uma transformação da matéria cerebral e a actividade do cérebro é propriedade do mesmo, tão necessária como a força, por toda a parte inerente à matéria, com seu carácter essencial e inalienável.

E conclue : É tão impossível que não pense um cérebro perfeito, como é impossível que o pensamento possa ligar-se a matéria diferente da do cérebro.

Estes sofismas estão, hábilmente, apresentados e repousam sobre induções preconceituosas, facilmente compreensíveis...

Evidentemente : se o cérebro estiver enfermo, a alma não poderá servir-se d'ele, pela mesma razão que o violinista não poderá servir-se do violino, se lhe faltarem as cordas. Mas se puserem o violino em estado eficiente, o músico arrancará d'ele as mais suaves melodias. Depreende-se existir íntima relação entre o cérebro e o pensamento, como entre o músico e o violino, sendo estultícia pretender que o cérebro produza o pensamento e o violino a melodia.

Longet, o fisiologista, ergue-se, para aplanar o terreno e esbater a questão, como vamos ver :

— «Ninguém põe em dúvida a solidariedade entre os órgãos sãos e a inteligência sã; porém, esta dependência naturalíssima não é tão absoluta, que se não depare com numerosos exemplos que parecem enfermar este princípio. Crianças depauperadas surpreendem, às vezes, pela precocidade da inteligência e

pela extensão do espirito. Velhos decrepitos, conservam, intactos, o juízo, a memória, o fogo do génio, o ardor da coragem...

Pode chamar-se a isto *movimento de retirada*. E outra coisa não pode fazer o materialismo, em face dos variadíssimos fenómenos que o Espiritismo, dia a dia, apresenta, à consideração dos verdadeiros sábios.

Confundir o órgão com a função, como faz Moleschott, é critério erróneo e indigno dum sábio da sua categoria.

Felizmente, são os próprios materialistas que repelem as ideas falsas de Cabanis e Vogt. Vejam o que diz Büchner, grande autoridade no assunto :

— «A-pesar do mais escrupuloso exame, não podemos encontrar analogia entre a secreção da bilis ou da urina e o processo pelo qual se forma o pensamento no cérebro. A urina e a bilis são matérias palpáveis, ponderáveis e visíveis ; ainda mais : são matérias excrementícias que o corpo empregou e repeleu. Pelo contrário, o pensamento, o espirito, a alma, nada têm de material, nem são, em si mesmos, substâncias, mas sim encadeamento de forças diversas formando unidade, efeito do concurso de muitas substâncias dotadas de força e de qualidades.

«Se a máquina feita pela mão do homem produz efeitos, põe em movimento o seu mecanismo ou outros corpos; vibra um golpe, indica a hora ou coisa semelhante, êsse efeito, considerado em si mesmo, é, portanto, coisa essencialmente diferente de certas matérias excrementícias que elle mesmo produz, talvez, durante essa actividade.

«Dessa maneira, o cérebro é o princípio manancial, a única causa do espirito e do pensamento ; mas não é, por isso, o órgão da secreção. O cérebro produz alguma coisa que não é expelida e que não tem duração material, mas que se aniquila por si próprio, no momento da produção. A secreção do fígado e dos rins verifica-se com inconsciência, independentemente da actividade superior dos nervos e produz matéria palpável. A actividade cerebral não se manifesta sem a nossa consciência completa e não segrega substâncias, mas forças. Todas as funções vitais, a respiração, a pulsação do coração, a digestão, a secreção dos órgãos excrementícios, verificam-se durante o sono, como no estado de vigília; mas as manifestações da vida acham-se suspensas no momento em que o cérebro,

sob a influência de circulação mais lenta, fica imerso no sono».

A-final ; em que ficamos, srs. materialistas ? ; É secreção ou não é secreção, o pensamento ? Não, não é secreção e tem origem em diversas forças que formam unidade. É um efeito, puro e simples, do cérebro... como acaba de dizer o grande Büchner.

Preguntamos, outra vez : ; Como pode o tangível gerar o intangível ? ; Como pode o material geral o imaterial ? Se o pensamento é força que emana do cérebro, voltamos à teoria errônea de Moleschott e entramos num círculo vicioso.

Não. Felizmente, não sucede assim. O cérebro não segrega o pensamento. De contrário, equivaleria a dizer — como escreve Cláudio Bernard — que o relógio produz a hora ou a ideia do tempo.

A divergência dos materialistas

O que aí fica, demonstra, claramente, a falência do materialismo, que nada sabe, absolutamente nada, acerca das relações entre o cérebro e o pensamento.

; Quais as células, onde este último reside?

; Silêncio tumular ! ; Apareça algum sábio que seja capaz de responder a esta pergunta !...

; Onde reside a memória ? Venham todos os fisiologistas procurar-lhe o esconderijo e não se esqueçam de trazer seus arsenais de cadinhos e ampolas.

; Onde reside a consciência ?...

Richet responde por todos os fisiologistas sinceros, com o peso da sua enorme sabedoria :

— «Todo o nosso luxo bibliográfico é mentiroso. Esta riqueza oculta indigência profunda. A fisiologia cerebral é-nos profundamente desconhecida e tão oculta, como a função respiratória, antes de Lavoisier. Espera, certamente, alguma inteligência genial que venha resolver o problema, tão misterioso, hoje, como há dois mil anos, da relação entre o cérebro e o pensamento, função do cérebro.

«A incerteza é mais profunda, ainda, se nos referirmos à estrutura microscópica. Aqui, ignorância total, absoluta. Descrevem-se formas, camadas sobrepostas ; encontra-se na célula uma organização complicada. Os admiráveis métodos de Golgi e de Ramon y Cajal fizeram-nos reconhecer factos curiosos, no-

vos, importantes. Mas estes factos são, apenas, de ordem anatómica. Não trazem esclarecimento algum, quanto à função da célula nervosa. Arriscando-me a parecer atrasado, dir-vos-ei que, quanto à fisiologia e quanto à psicologia, não estamos mais adiantados com os trabalhos contemporâneos do que estávamos no tempo de Molpighi, o primeiro que descreveu células nervosas. ; Que importa ao fisiologista a extraordinária complexidade da célula nervosa, com suas dendrites, arborescências, ramificações, corpúsculos, se ele não conhece o uso destas partes ?»

Este, ao menos, foi sincero. Sacrificou o orgulho à verdade dos factos, chamou às coisas pelos seus nomes, dentro, já se vê, do campo fisiológico.

A transcrição, que fiz, de Richet, contrapõe-se à farronca de Haeckel, no seu livro «As Maravilhas da Vida» :

— «Entre as pessoas que se dizem cultas — escreve — há milhares de fiéis que se deixam enganar pelas prestidigitações dos espíritos e de seus médiuns e que acreditam, de bom grado, em coisas incríveis : espíritos batedores, mesas giratórias, escritos psicográficos, materializações de pessoas mortas e até psicografias de espíritos...

«Tais são as fantasias grosseiras que encontram guarida, não só em indivíduos ignorantes, como em pessoas instruídas e até em certos naturalistas de imaginação exaltada. Foi em vão que numerosas observações mostraram que todas estas operações falaciosas repousam num embuste propositado, numa verdadeira trapassa ou numa ilusão. O velho provérbio tem, sempre, cabimento: «o mundo quer ser enganado».

Com efeito, se o mundo não quisesse ser enganado, não ousaria Haeckel escrever semelhantes monstruosidades. Isto não parece do fundador do monismo, tão irrisório e tacaño é o método científico apresentado.

Para se manter na posição de sábio, Haeckel deveria fazer auto-crítica e ponderar as palavras que, na sua boca, têm a importância duma verdadeira lição, tal a repercussão que o seu nome atingiu, no campo materialista.

Mas, não ! A sua catilinária toca as raízes do absurdo e põe em risco muito sério a reputação doutros sábios, que lhe seguem nas pegas.

MAIS ACADEMIAS...

Crónica de Leopoldo Machado



Prof. LEOPOLDO MACHADO

Mais um paladino que surge em *Estudos Psíquicos*, a erguer o estandarte espirita e a demonstrar que aplaude a nossa obra e se dispõe a auxiliá-la. Leopoldo Machado é o verdadeiro dinamismo personificado. Professor e director dum gymnásio modelar, escritor, conferencista, dramaturgo, polemista, em toda a parte afirma, alto e bom som, a sua inquebrantável fé nos destinos do Espiritismo. O que não sabemos é como êle consegue desdobrar-se, multiplicando a actividade, escrevendo assiduamente em muitos jornais e revistas e aproveitando as suas férias para organizar ciclos de conferências pelo interior do Brasil. Um dos maiores eventos da sua vida de propagandista foi, sem dúvida, a sensacional polémica, que manteve com o padre Jacob Slater, formado em duas ou três faculdades, e que terminou com a vitória de Leopoldo. O tribuno teve ali a sua verdadeira consagração. Não há recanto brasileiro onde os seus artigos não apareçam. Grande obreiro e grande carácter, grande alma e grande amigo! Os detractores do Espiritismo jámais encontraram Leopoldo Machado fora do quarto de sentinela. A sua vigilância é constante e os seus golpes são vibrados a tempo, principalmente contra doutrinas velhentadas e errôneas.

Eis, em breve sùmula, os traços psicológicos do nosso colaborador de hoje.

«O saber não ocupa lugar», é velho rifão. E a ciência é, também, uma revelação de Deus, que no-la envia, a-fim-de que, por meio dela, tornemos menos árdua e mais suave a vida, na carne e na Terra.

Benções e louvores para toda sabedoria, que é, ou deve ser, função precípua das academias!

Assim, quanto mais academias, de onde saia a sabedoria que beneficie o homem e a ciência que identifique a Terra, melhor!

Prova-se, entretanto, que nem sempre as academias colimam sua altíssima finalidade; que as maiores revelações científicas têm partido do estudo isolado, através-de experiências individuais. Muitas, até, se atiraram e se atiram contra princípios desta mesma ciência,

contra revelações desta mesma sabedoria. Bernheim, Servet, Harvey, Pasteur, Janet, Edison e tantos, foram negados por academias. Na em que Bernheim quis demonstrar a influência e o efeito do magnetismo animal, negou-se-lhe a palavra, para concedê-la a outro sábio, a-fim-de demonstrar — imaginaí — que, pelos palpos, seria fácil distinguir a aranha-macho, da fêmeal!

¡E vão-se, também, criando, por aí a-fora, academias para diplomar profissões e profissionais, os mais extravagantes! Já existem academias de divorciados, de tiros ao alvo, de cozinheiras, de mendigos...

Surge, agora, entre nossos vizinhos do Plata, uma academia originalíssima, que se dispõe a ensinar normas e regras de uma pro-

fissão árdua e difícil: a Academia dos Roletiros. É uma academia «que se destina aos aspirantes à profissão de jogador, para figurarem nos quadros de funcionários de grandes casinos».

¶Fundou-a uma altíssima figura, talvez a mais importante de Monte Carlo, — diz a notícia —, o general Pierre Polotvsoff! «Nada mais natural, — diz, ainda, a notícia, — do que a formação de técnicos para viver do jogo». E evoca-se, até, o nome e a projecção do grande Pascal para os créditos da academia de jogadores profissionais, que se está criando em Mar del Plata, cuja notícia vem ilustrada a clichê de jogadores, em redor de grande mesa e diante de montes de fichas. . .

Em dias do ano findo, vimos um camelot apregoar, no Largo de S. Francisco, altíssima voce uma obra colossal, ao preço reles de 600 réis: a Arte de Ganhar no Jogo. Lendo, agora, a fundação de tal academia, pusemo-nos a pensar: ¿porquê uma academia para ensinar aquilo que se pode aprender num livro de 600 rs.?

Nós, felizmente, não jogamos. Nem por distracção, com amigos. Estamos, até, com o critério japonês, a respeito de jogar com amigos. Ninguém joga, senão para ganhar. ¶Deixa de ser amigo aquêlê que nos convida para ganhar o nosso dinheiro!

A Academia de Roletiros se propõe a preparar os mais maneirosos de nossos inimigos, porque aquêles que nos levam o cobre, dando-nos a ilusão de que vamos ganhar muito.

Não cremos seja esta a missão das academias, embora, no dizer de Jean Finot, não se criasse, ainda, a mais necessária, de todas elas: a academia que ensinasse a Felicidade.

Essa academia, sendo, incontestavelmente, a de mais premência, conseqüentemente a mais importante de todas elas, é a que — ¡ai, de nós! —, entretanto, nunca se fundará. ¿Pois não é, até, um axioma, que «a felicidade não é dêste mundo?» Não pode ser, portanto, das suas academias. . .

Já se falou e já se escreveu sobre a necessidade de uma academia espirita, de que saíssem prêgadores a diplomas, bacharéis em Espiritismo (já os há, tantos, por aí, sem academias!), fazedores de Espiritismo. ¶Misericórdia! ¶E aí do Espiritismo, que seria, naturalmente, a sua dogmatização, a sua secularização, a sua humanização!

¶O Espiritismo não carece, ao nosso vêr,

de academias próprias, mas de penetrar — jisto, sim! — nas academias, a-fim-de que nelas se estude a mais séria das ciências, a Ciência da Imortalidade; a mais forte das filosofias, a Filosofia do Espírito; a mais dóce das religiões, a religião do Amor!

Muito não faz, que a revista francesa Nature, lamentava a apatia manifestada pelas Universidades contra o Espiritismo. Que é a mesma atitude que sempre revelaram, através dos séculos, por tôdas as descobertas importantíssimas. O prof. William Mc Dougall, talvez influenciado pela revista, entrou a estudá-lo, então, na Universidade de Carolina do Norte. Telegrama recentíssimo nos diz que, na velha Albion, acaba o Espiritismo de transpor os umbrais de uma Universidade. . .

¶Bravos! Um bom sinal, de vez que o Espiritismo não pede, como ciência que é, senão que o estudem em toda a parte, principalmente nas academias e universidades!

¶Para emprestar brilho e importância às universidades e academias! . .

O SURDO DE NASCENÇA

Pelo Dr. Santiago Argüello

Era um pobre surdo. Um surdo tal, que nenhuma vibração auditiva, por intensa que fôsse, podia chegar a lhe impressionar os sentidos. Surdo; totalmente surdo. Surdo de nascença.

Como jâmais ouvira, não pôde nunca saber o que é ouvir.

E aconteceu que certa vez viu um homem que perguntava e respondia diante de um aparelho telefónico. Abriu os olhos desmesuradamente e, assombrado, disse de si para si:

— ¿Com quem falará êsse homem?

O surdo quis então experimentar por si mesmo. Pegou no fôno auditivo, encostou-o à orelha e aplicando os seus lábios ao transitivo ou bucal, formulou uma pergunta.

Como era natural, não pôde ouvir resposta alguma. Interrogou de novo, e, pela segunda vez, nada escutou.

Um sorriso contraiu-lhe levemente os lábios. Malícia de sábio fulgurou em suas pupilas.

E fulminou implacável:

— ¡Aquêlê homem é um farsante ou um louco! E afastou-se, sorrindo.

Pensem os sábios que sorriem ante as vozes profundas que, por surdos, não chegam a escutar, naquelle outro surdo de nascença que, certa vez, sorriu como êles, falou como êles, e inapelavelmente declarou farsante ou louco o homem do telefone.

(De Evolución, de B. Aires).

«INFANTILISMO PSÍQUICO»

pelo coronel Faure da Rosa

○ sr. dr. Abel Salazar, na crítica que faz ao opúsculo *Hipóteses Metapsíquicas* ⁽¹⁾ do dr. Lobo Vilela — há pouco editado pela Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — considera «caídos no mais desconcertante infantilismo psíquico os homens de ciência autênticos e conhecidos» por acreditarem na sobrevivência da personalidade, na imortalidade da alma e quejandos «produtos da ingenuidade humana»; e — o que é mais — nem sequer consente que de tal queda escapem aqueles que procuram explicar alguns dos fenómenos supranormais como devidos, exclusivamente, ao animismo. Metapsiquismo e Espiritismo... tudo trapaça. Metapsiquistas e espiritistas, todos uns... néscios.

Não há ninguém que não tenha a sua devoção. A do sr. dr. Abel Salazar é a sua incredulidade, que faz dele um fervoroso *crente* da... sua descrença.

O dr. Lobo Vilela diz no citado opúsculo *Hipóteses Metapsíquicas*, a p. 116, que «pretender ainda hoje negar a realidade e a importância dos fenómenos chamados espiritas, é uma atitude de ignorância injustificável». O dr. Vilela, di-lo, fundado na opinião de vários homens de ciência — pares, pelo menos, do sr. dr. Abel Salazar — entre eles Boirac de quem transcreve as palavras com que abre um capítulo sobre o «Estudo científico do Espiritismo» — numa obra recompensada pela Academia das Ciências — palavras das quais reproduzo as que reputo essenciais para o caso de que trato: «Que tais factos assinalados por esta aperência (*a da intervenção de seres inteligentes*) se produzem efectivamente, e que é possível observá-los, descrevê-los, classificá-los, etc., eis um ponto que já hoje não é possível contestar...»

Não sendo de admitir ignorância no sr. dr. Abel Salazar, mas não refutando este senhor aquelas afirmações — a do dr. Vilela e a de Boirac — é de presumir que o douto crítico não tenha chegado à p. 116 do opúsculo, por muito antes se ter sentido enfastiado com tanto «infantilismo psíquico». E fundamento esta minha presunção na circunstância do sr. dr. Abel Salazar, logo no cabeçalho do seu artigo crítico, dizer que a edição é do «Centro de Estudos Metapsíquicos», quando na parte inferior da capa se lê em tipo graúdo: «Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas». Ora, quando logo à entrada, o sr. doutor lê o que lá não está... ¿que é que não teria acontecido a mais de meio caminho da jornada das 131 páginas?...

Um espiritista ou um metapsiquista que cometesse tal erro e caía logo no «infantilismo psíquico»; mas praticado pelo sr. dr. Abel Salazar, só se pode atribuir a maturidade ou *madureza... psíquica*.

Por «infantilismo psíquico», deve-se entender, creio eu, credulidade infantil ou de criança, o que não é mais que uma variante alongada da «ingenuidade» que sábios materialistas e não materialistas atribuem aos seus parceiros néo-espiritualistas.

Podem os homens de ciência ser da categoria de Crookes, que descobriu o tálium e o estado radiante da matéria e inventou o espectroscópio, o fotómetro de polarização e o microspectroscópio; podem ser da categoria de Richet que descobriu a seroterapia e a anafilaxia; podem ser da categoria de Oliver Lodge, Morselli, Myers, Morgan, Hyslop, Lombroso, William Jaures, Ochorowicz, Bozzano... professores de universidades, que nenhum deles deixa de ser acoimado de *ingênuo, lorpa* ou *papalvo*... O sr. dr. Abel Salazar inclui-os, depreciativamente, na lista dos «Crookes», dos «Richets»...

Tôdas as profissões liberais têm fornecido espiritistas convictos: matemáticos, físicos, químicos, astrónomos, naturalistas, escritores, jornalistas... Não faltam, até, homens de Estado que tenham tido a coragem de proclamar a sua crença no Espiritismo: Gladstone, Balfour, Lincoln.

Tudo isto é *infantilismo*, no dizer do sr. dr. Abel Salazar. Tudo *crianças*... ¡Que portentosas crianças!

Mas, criança era Mozart que, aos 4 anos, tocava uma sonata e aos 11 compunha duas óperas. Beethoven, a quem chamavam o «deus da música», aos 10 anos distinguia-se pelo seu talento musical de executante. Paganini aos 9 anos era aplaudido num concerto em Genebra. Meyerbeer, aos 6 anos, dava concertos. Liszt, virtuoso excepcional desde a mais tenra infância, aos 14 anos compunha uma ópera. Rubinstein, aos -- anos, causava a admiração de quem o ouvia pela sua virtuosidade no piano. Pepito Ariola, aos 3 anos e meio, tocava e improvisava, ao piano, diferentes árias, sem conhecer as notas, sem saber ler nem escrever. Pascal, aos 13 anos, achava as trinta e duas primeiras proposições de Euclides e publicava um tratado de secções cônicas. Heineken, aos dois anos e meio,

⁽¹⁾ O Diabo de 8-6-1940, p. 2.

fazia exame de história antiga e moderna. Willy Ferreros, aos quatro anos e meio, dirigia a orquestra das Folies Bergères, em Paris. Ampere, aos quatro anos, e Truman Safford, aos cinco, faziam cálculos mentais...

A lista podia ser dobrada ou triplicada, tanto na música como na pintura, tanto nas ciências como nas letras.

¿Que é a alma da criança? ¿De que intuição é capaz? — Preguntava o dr. E. Lenglet na conferência que fêz em Paris em 25 de Maio de 1937.

«É tão capaz nas crianças como nos adultos. Nalgumas (e é este o caso das crianças prodígios) os dons que a alma manifesta, desde a mais tenra idade, permite-lhes tomar contacto com o imperceptível do mundo; ao passo que em outras crianças, menos fadadas ou sem mais dons que os vulgares, a alma está fora desse mundo do qual nada as penetra, excepto o perceptível sensorial. Numa palavra: a intuição é privilégio de uns; em outros, o único meio de aprenderem o conhecimento não ultrapassa a percepção sensorial.

«Mais tarde, quando chega a adolescência, o psiquismo profundo desenvolve-se paralelamente ao psiquismo comum, mas continua a ser da mesma qualidade, do mesmo poder: a um pertence a ciência intuitiva do universal, a outrém o conhecimento das aparências imediatas e das regras do raciocínio e da lógica que lhes estabelecem as relações, a coordenação, a medida.

Daí a diferença tão profunda das esferas do conhecimento; daí o facto de os puros racionalistas se esforçarem por encontrar a explicação do intuitivo pelo dedutivo e de ficarem àquém da esfera do conhecimento supranormal sem sequer pressentirem a sua existência.»

(Isto acontece, em parte, ao sr. dr. Abel Salazar; e digo em parte, porque o sr. doutor não faz o mínimo esforço «por encontrar a explicação do intuitivo pelo dedutivo»; para ele não existem fenómenos supranormais, não há, portanto, que explicá-los: o que há são, apenas, *manigâncias* dos seus produtores e *infantilismo* dos que acreditam).

«Nenhum desses agentes humanos da revelação do extrasensorial — afirma Lenglet — pode ser compreendido por aqueles que acreditam, unicamente, no conhecimento, filho imediato do perceptível e do racional dedutível que suficientemente o expliquem.

«É por esta razão que tantos escritores crêem ver no sensitivo, no médium, uma espécie de doença, às vezes, uma alucinação quasi sempre.

«No estado actual dos nossos conhecimentos científicos é impossível explicar a relação que se estabelece entre os seres metagnomos, ou médiuns, e a parte do

universo que não é acessível aos nossos sentidos; *mas esta relação existe, seja ou não percebida, entre o universal e o hominal.*

«¿Com que intensidade se estabelece?...

Se os efeitos aparentes desta penetração provam a sua realidade, o seu valor, porém, é que não é possível discernir; mas mostram quanto é variável e diferente, dum para o outro, a capacidade que têm, os videntes e os inspirados, de entrar em contacto com a esfera supranormal.»

Para o professor William James, toda a doutrina nova atravessa três estados: no primeiro, atacam-na, declaram-na absurda; no segundo, admitem que é verdadeira, mas insignificante; por fim — no terceiro estado — reconhecem a sua importância, e os seus ex-adversários reivindicam a honra de a ter descoberto.

O Espiritismo continua a ser tratado como *doutrina nova* a pesar de ser tão velha como o mundo. Quanto a esta *doutrina nova*, o sr. dr. Abel Salazar ainda está no primeiro estado; não creio que venha a acabar no terceiro, mas nada pode assegurar que não chegue ao segundo.

Quando os Curie afirmavam ter descoberto o rádio, os químicos, fieis aos seus princípios, concluíam: «Não há pêso atómico, não há rádio.» E, a-final, havia rádio.

¿Que admira que tanto os sábios materialistas como os ignorantes ateístas, ainda hoje se riam dos fenómenos espiritas?... Sábios e ignorantes, ¿não se riram de Galvani e não lhe chamaram mestre de dança de rãs?... A ciência oficial, ¿não se recusou, a princípio a reconhecer a verdade da queda dos aerólitos, a verdade do gramofone, do injecto Giffard e das teorias microbianas?...

Os materialistas, quando falam de Metapsíquica, Parapsicologia, factos supranormais, Espiritismo, só aludem a casos falhados ou, sem êle, o facto é que omitem os fenómenos de realidade incontestada.

É curioso observar que acontece, precisamente, o contrário com as operações laboratoriais ou cirúrgicas: omitem ou esquecem as de mau resultado e dão o maior relêvo às que tiveram bom êxito. Entretanto, as más operações não podem invalidar as boas, sejam elas de que natureza forem.

Vou referir os percalços por que passou um filósofo ateísta de grande nomeada, emérito trocista de toda a mediunidade, uns dois ou três meses antes de morrer.

A *Revue Scientifique* de 8 de Agosto de 1931, inseria um interessante artigo. O seu autor, depois de lembrar que «as grandes invenções têm, muitas vezes, por ponto de partida a verificação de fenómenos muito simples» narra o seguinte: «Por várias razões, desde

AVISO

alguns anos adquiri o hábito de dormir de noite numa poltrona. Tendo, por vezes, necessidade de saber as horas exactas, conservo comigo o colete com o relógio de algibeira, cuja corrente fica presa a uma das casas. Ora, quasi todos os dias verifico, ao acordar, que a corrente se contrai, muitas vezes, em vários pontos, de maneira que forma uma espécie de nós muito fortes. O número de nós é variável dum dia para o outro e, habitualmente, muito maior de noite. A insónia, as preocupações e outras influências, aumentam o número de nós.»

Em seguida, o autor demonstra que nenhuma força física conhecida pode explicar o fenómeno: nem a luz, nem a electricidade; nem o peso, nem o calor. Apenas lhe resta «invocar a influência duma força biológica desconhecida» emanada do próprio portador da corrente. *Como nunca se sabe até onde uma investigação nos pode levar, não devemos hesitar em tomar um caminho desconhecido, embora tal caminho seja, apenas, um modesto atalho.»*

E, depois de algumas considerações acerca do limite dos nossos conhecimentos actuais, o autor conclui:

«Entrevê-se hoje que o universo está cheio de forças desconhecidas cuja descoberta virá, talvez, mudar a vida dos povos e, sobretudo, as ideias filosóficas que servem de base a todas as nossas concepções.»

Este artigo é assinado por... Gustave Le Bon!

Sim, senhores: Gustave Le Bon, o autor de *Croyances et Opinions*, obra em que esmaga com toda a força da sua ironia, entre outros, os espiritas e até os investigadores metapsiquistas, sábios também, entretanto, os quais, não se mostraram hesitantes em «tomar um caminho desconhecido» embora seja, apenas, um «modesto atalho»; e isto muito simplesmente porque os metapsiquistas compreenderam que «o universo está cheio de forças desconhecidas», das quais puderam observar certas manifestações perturbadoras e cujo determinismo procuram descobrir.

Aquilo que outros viram, as experiências que fizeram, isso não valia um caracol aos olhos de Gustave Le Bon — que nada de semelhante tinha visto e que nem sequer julgara necessário experimentar... Mas, um dia, a corrente do seu relógio torce-se ou adquire nós, duma maneira insólita, enquanto ele dorme... e eis que Gustave Le Bon, pressentindo uma *força desconhecida*, vê aí o ponto de partida para investigações fecundas!...

Nada há melhor, a-final, que cada um certificar-se com os seus próprios olhos.

Seja como for: ou o fenómeno observado por Gustave Le Bon ⁽¹⁾ tem uma causa mecânica natural e a precipitação do autor em falar duma «força desconhecida» faz sorrir — sobretudo os colegas ateístas que o

Com este número, termina o prazo das primeiras assinaturas, referentes aos n.ºs de Setembro-Outubro de 1939 a Julho-Agosto de 1940.

Rogamos, por isso, a todos os assinantes o obséquio, que muito agradecemos, de nos remeterem a importância da nova assinatura (n.ºs 7 a 12), a-fim-de nos evitarem onerosas despesas de cobrança que sobrecarregam muito o nosso orçamento. As remessas poderão ser feitas em vale de correio e só, excepcionalmente, em estampilhas postais de 40 centavos.

Fazemos este pedido, porque a medonha crise que nos assoberba ameaça aumentar cada vez mais, não permitindo fazer previsões acerca do futuro desta revista.

Há apenas um meio de resistir às contingências: aumentar o número de assinantes e fundar o «Grupo de Amigos de ESTUDOS PSÍQUICOS». Doutra forma, toda a nossa obra ruirá, por nos ser materialmente impossível arrostar com as tremendas despesas que paralisam as mais decididas vontades.

Esperamos, todavia, enfrentar a nova jornada que vai principiar, difícil, cheia de escolhos, em virtude da carência do papel e das matérias primas correlativas, mas que será vencida, se todos cumprirem o seu dever de espiritas. Para vós apelamos, estimados leitores, certos de que fareis a maior propaganda de ESTUDOS PSÍQUICOS, indicando nomes de novos assinantes e fazendo-a circular o mais possível entre os vossos familiares e os vossos amigos.

Aqui fica o nosso agradecimento.

atiram logo para o «infantilismo psíquico» — ou se trata, efectivamente, da acção duma «força desconhecida», caso em que teríamos de admitir que Gustave Le Bon — ele, o negador contumaz da mediunidade! — era médium!... E isto, realmente, seria duma ironia formidável.

Se, um dia, vem a acontecer o mesmo ao sr. dr. Abel Salazar... muito se há de rir quem ainda por cá andar!...

⁽¹⁾ Gustave Le Bon faleceu em Novembro de 1931. O seu último livro — *Bases scientifiques d'une Philosophie de l'Histoire* — é anterior a publicação do seu artigo na *Revue Scientifique*.

Notas & Comentários

¿Espírita ou espirita?

Há grande divergência na pronúncia deste vocábulo, importado do francês *spirite* e que Allan Kardec teve que «inventar» para indicar os adeptos da nossa doutrina, de que foi codificador. Na verdade, nenhum dos termos *espiritual*, *espiritualismo*, *espiritualista*, se adaptavam ao sentido desejado. A doutrina *espirita*, ou dos espíritos, exigia vocábulo especial, já que os três, acima mencionados, eram insuficientes, por razões óbvias.

É espiritualista aquele que segue a filosofia, baseada na existência de Deus e da alma humana. É *espirita* aquele que segue a doutrina do Espiritismo, baseada nas relações do mundo material com os espíritos, ou seres do mundo invisível.

Foi, pois, para evitar confusões, que se criaram *espiritismo* e *espirita*. E se Allan Kardec forçou a adaptação do latim *spiritus*, os tradutores brasileiros desta palavra fizeram outro tanto, influenciados por Kardec: esqueceram o *espiritista* e escreveram *espirita* (esdrúxulo), tradução imprópria de *spirite*, talvez por analogia com *espírito*, dando a impressão de se tratar dum feminino deste último vocábulo...

Parece-nos que não deve usar-se a forma esdrúxula, quer atendendo à base histórica, quer ao étimo francês, que tem acento grave: *Spi-ri-te*.

De resto, o assunto já foi estudado por vários filólogos e dicionaristas. Cândido Figueiredo grafou *espirita*, com acento na penúltima sílaba. O mesmo fizeram Moreno, Torrinha e outros. Antônio Morais Silva grafou *espirita* no léxico, mas no texto do seu dicionário preferiu o grave ao esdrúxulo.

A-propósito, transcrevemos o que um confrade nosso escreveu no Diário da Manhã, do Rio de Janeiro, relativamente ao facto de se passar a usar *espirita*, ao lado de *espiritista*:

«Sucederia o mesmo, se tivéssemos criado um derivado de *espírito* com o sufixo *ita*, tão legítimo em português, como *ista*, porque se teria, naturalmente, simplificado o radical, com a supressão da consoante final *t*, em conflito com a sílaba *ta* do sufixo, tal como sucedeu, sistematicamente, nos nomes abstratos em *dade*, ao se lhes adjungir o sufixo *oso*, ex.: *caridade* e *caridoso*. Compare-se, também, *venda* em vez de *vendida*, e o popular *simplicíssimo*, em vez de *simplicíssimo* (forma latina *simplice*). Poucos empréstimos a línguas estrangeiras oferecem tão rigorosa coincidência com as leis da pronúncia e da morfologia vernácula. O que se não pode admitir, porém, é que o vocábulo seja deturpado por um erro grosseiro de acentuação».

Emfim, o caso aí fica, sujeito à rectificação dos filólogos. Leigo, que somos, na matéria, não pretendemos, de modo algum, debicar nas leis fonéticas, limitando-nos a pôr o problema tal como se apresenta à consideração das pessoas estudiosas, pouco afectas a confusões.

Assim, de boa vontade publicaremos o que os doutos a tal respeito nos enviarem, na mira, já se vê, de servir a Causa e o idioma. Porque Estudos Psíquicos, ao propagar o Espiritismo, deseja fazê-lo com elevação, com honestidade literária e científica. Só desta maneira terá direito à consideração do público a que se destina, procurando servi-lo, em vez de enganá-lo...

As curas espiritas

A cura psíquica ou *espirita*, sobretudo quando a medicina terrena é insuficiente para debelar o mal, representa um dos maiores factores de desenvolvimento e repercussão da doutrina. Em face de acontecimentos iniludíveis, flagrantemente de realidade, que dominam a dúvida e levam ao convencimento absoluto, não há palavras que valham, por mais eloquentes, por mais persuasivas, por mais fogosas que sejam. O facto é aliciante, exerce influência definitiva no espírito dos que procuram a verdade, através da especulação científica, friamente ordenada.

As teorias são belas. O pior é o facto, que surge inopinadamente, destruindo, num segundo, a suposição de meses, até de anos. E assim como desilude os crentes de certos postulados metafísicos, destruindo a fé, matando a esperança, desilude, igualmente, os fazedores de sistemas, para a manutenção dos quais é necessário lançar mão de novos processos de cultura.

Há dias, ouvimos um céptico perorar acerca de curas *espiritas*. E era vê-lo, receoso e envergonhado da sua antiga relutância, com vontade irresistível de confessar a própria inferioridade, à espera duma palavra nossa, que o libertasse do jugo asfixiante! Não, que o facto sacudira-o, empolgara-o, lançara-lhe em rosto o orgulho de falsa indução filosófica, porque as suas palavras, altamente significativas, não conseguiram encobrir os receios ideológicos que brutalmente o despenhavam no resvaladoiro onde se amalgamam todos os negativismos que obscurecem a verdade e perturbam a consciência humana.

¿Como pudera êle obter, em meia dúzia de dias, o que a medicina lhe não dera, numa dúzia de anos? ¡Mistério impenetrável!...

A medicina fizera tudo o que estava ao seu alcance. O corpo somático era pasto de forças invisíveis que zombavam das especialidades farmacêuticas, das injeções de óleo canforado, das aplicações diatérmicas. O manicômio seria o remate duma calvário inexprimível, se o acaso não tem vindo em auxílio da pobre e inerme vítima. Esse acaso era um grupo *espirita*, onde obsessores de respeito tiveram de confessar suas proezas e dispor-se a abandonar o reduto. Abandonaram-no. A cura obteve-se, sem medicamentos, sem dietas, sem nada. A limpeza psíquica levou as correntes nervosas ao curso normal. E, cessada a causa... cessou o efeito.

As curas *espiritas* escudam-se em factos incontro-

versos, em realidades que brilham, como a luz do sol. Nada as abala, nada as obscurece, nada compromete o seu prestígio inofuscável.

Juventude Espirita

O último passeio a Cabo Ruivo foi a primeira grande demonstração de solidariedade que envolveu na mesma alegria espiritual algumas dezenas de confrades que trabalham pelo progresso incessante do Centro Espiritualista Luz e Amor. Já o dissemos no número transato. Já o dissemos e o resultado exerce-se de maneira brilhante.

A «Juventude Espirita» tem fim utilíssimo e oportuno que se adapta inteiramente às necessidades actuais da propaganda que empreendemos. O seu programa deixa entrever a finalidade do núcleo que se formou sob o patrocínio do Centro, para fortalecer as bases que mantêm o baluarte cada vez mais forte.

Pelo Regulamento, que publicaremos brevemente, os leitores avaliarão dos méritos da empresa, farão cálculos acerca da viabilidade ou inviabilidade da acção do núcleo e concluirão, certamente, por reconhecer que o futuro pertence aos jovens, cheios de coragem e de esperança, e não aos velhos, gotosos e abúlicos, vergados ao peso dos anos.

¿É preciso trabalhar? A «Juventude Espirita» trabalhará, cheia de fé, alegre, prazenteira, incansável, aproximando-se de novos e velhos, descrentes e simpatizantes, na mira, nunca descuidada, de trazer associados, de interessar o maior número na obra do Centro, embora pese a certas almas boas que o consideram múmia prehistórica ou cinza cadavérica...

A «Juventude Espirita» trabalhará sem descanso no conseguimento dos objectivos que presidiram à sua formação. Já tem provas no seu activo, já mostrou de quanto era capaz. O passeio à Trafaria é obra sua. Ela o promoveu, ela o delineou, apoiada na Direcção do Centro, ciente de que teria a aprovação de todos nós, que desejamos consolidar o que se fez num ano de propaganda e que demonstra bem o que se fará, em futuro não muito longínquo, se, ao lado da «Juventude Espirita», outros núcleos vierem a formar-se, como é de prever, porque o Luz e Amor irá sempre desdobrando a acção, como batalhador que não se rende, como vanguardista que procura aperfeiçoar a tarefa realizada, em vez de estratificar na contemplação de pretensos atributos, como certos rebentos peregrinos, efémeros produtos da egolatria.

A «Juventude Espirita» deu um passo em frente e quer ser forte. Faz muito bem. Que seja alegre e forte, pois dos tristes e fracos... não reza a história.

Que seja alegre e forte; e, quando sentir algum desânimo, saiba reagir, que a sua missão é grandiosa; saiba apelar para as forças de que dispõe, não esquecendo que a vida é movimento e que o progresso é feito de trabalho contínuo. Assim apetrechada, poderá fazer frente ao que der e vier e aguardar, tranqüilamente, o seu triunfo.

Sanatório espirita

O Espiritismo não cessa de espulhar a Boa Nova da salvação material e espiritual. Vai a toda a parte

dar testemunho de si, dos seus frutos saborosos, das suas realizações, dos seus empreendimentos. Funda escolas, albergues, hospitais, casas de regeneração.

O Clarim, de Matão, traz-nos a notícia duma obra de vulto, devida ao Espiritismo. É o Sanatório «Américo Baira», de Itapira, que se encontra em pleno funcionamento, «sob a competente direcção do confrade César Bianchi, coadjuvado por abalizados facultativos e companheiros de ideal». Magnificamente instalado em local saudável, este sanatório tem, actualmente, cinquenta obediados em tratamento, que ali se acolheram por não encontrarem alívio na medicina, nem consolação nas religiões mundanas. Estes desgraçados não são espiritas. «Pertencem a seitas dogmáticas — continua a notícia — o que eleva sobremaneira a doutrina espirita, que tanto ampara o crente, como o descrente; o rico, como o pobre; o preto, como o branco, não olhando, portanto, à posição social do indivíduo, nem indagando da sua crença».

Em virtude das enormes despesas originadas pelo o tratamento dos obediados, que já atingiram número muito elevado, este estabelecimento de caridade acaba de lançar um apêlo aos corações bem formados, no sentido de obter os recursos necessários à continuação da sua obra filantrópica.

¿Quantos obediados não há por esse Portugal fora, abandonados pela medicina, entregues a si próprios e às influências terríveis que os consomem?

Se os espiritas portugueses quisessem, se soubessem querer de verdade, há muito que teriam um Sanatório à semelhança dos que existem no Brasil, votados ao bem da Humanidade. Seria a obra mais importante de quantas poderiam realizar-se neste cantinho do mundo, de clima acolhedor e suave.

Outros obediados há, também, que morrem, lentamente, nos manicómios, sob tratamentos inadequados que produzem lesões orgânicas incuráveis. Este processo de cura dá, quasi sempre, resultados negativos e contraproducentes. Os médicos sabem-no; mas persistem nos seus métodos, que consideram infalíveis. Vão mortificando as vítimas indefesas, vão-nas torturando, de dia e de noite, exigindo o que elas não podem dar, atirando-as para a morte ou para a verdadeira loucura, e ficam tranqüilos e satisfeitos com a sua obra. Cumpriram o seu dever — declaram —. Triste dever, triste missão a de subtrair os enfermos ao tratamento, ao único tratamento que lhes devia ser ministrado!...

¿Quando teremos, em Portugal, um sanatório espirita?...

I. D. S.

Sem esperar o veredicto definitivo da ciência, eu confesso que acredito na objectividade dos fenómenos espiritas.

Rev. Mainage

Afirmo-me espirita, porque tive que aceitar os fenómenos como realidades.

Oliver Lodge

Sou de opinião que não há mesmo necessidade de demonstrar que todos os planetas são habitados, porque negá-lo seria absurdo.

Em. Kant

LUZEIROS

(Tradução de I. D. S.)

por Ernesto Pérez Méndez

*O presente conto é o primeiro da série intitulada «Luzeiros», que o médium recebeu há dois anos e que o autor espiritual dedicou a Caridad Pérez Aguirre, filha do nosso querido colaborador, tinha ela, então, doze anos de idade. Que exquisito perfume não resce-
de esta mimosa página mediúnica!*

Rosália tinha onze primaveras. Era muito bondosa e estava num jardim a contemplar as flores. Todas lhe pareciam bonitas e pensou em colher umas poucas, para oferecer um ramo a sua mãe.

Com tal propósito, aproximou-se dum rosal e escolheu uma rosa das mais belas.

— Esta é muito linda — monologou — e tem a cor doce e agradável. É de aroma delicado. Vou colhê-la.

E dirigindo-se para a flor:

— Lamento ter que separar-te das tuas companheiras ou irmãs.

E continuando a monologar:

— Pode ser. Se assim é, não devo colhê-la, porque sofrerá e as suas irmãzinhas estranharão. Que fazer?

A criança afastou, automaticamente, as mãos do rosal e voltou a contemplar as flores, em atitude enlevada.

— Ah, meu Deus! Será possível que as flores sintam? Não pode ser. É loucura e extravagância da minha parte. Esta ideia faz-me sofrer e desistir de oferecer um ramo de flores a minha mãe. Gosta tanto delas!

Rosália afastou-se do rosal, um tanto preocupada. Depois, sem voltar os olhos, abandonou o jardim, precisamente na altura em que Margarida, sua companheira do colégio, ia em direcção oposta e lhe pôs a mão na frente.

— Pode saber-se aonde vais?

— Ah, és tu, Margarida!

— Porque andas sem olhar para diante? Não tens medo de tropeçar?

— Estou um tanto preocupada.

— Porquê?

— Sucedeu-me uma coisa muito rara e estranha.

— Que foi? Que foi?

— Estava no jardim, a contemplar as flores...

— Não digas mais! E Manolito meteu-se contigo. É tão mau e travesso!

— Não é isso, Margarida. Lembrei-me de colher um ramo para oferecer a minha mãe...

— E Manolito não deixou.

— Não é isso, mulher.

— Então, diz lá. Alguma coisa má se passou.

— Ia colher uma rosa muito bonita e, quando estendi a mão para a roseira, tive medo.

— De quê?

— Pensei que ia fazer mal.

— Que atrocidade! Enlouqueceste, Rosália?

— Supus que a rosa sofreria e que as outras flores também sofreriam.

— Pois claro, mulher. Sofreriam, sofreriam muitíssimo. Morreriam de pena. Então não sabes que as flores são insensíveis, que foram feitas para nosso recreio?

— Sim, sim. Sei tudo isso. Apesar de tudo, não me atrevi a cortá-la. Confesso que me faltou a decisão.

— Volta-te, que eu as colho. Não sejas tão sensível. Naturalmente, não comes, para não causar dano...

— Não é isso. Disse-te o que senti, porque mo perguntaste e não queria enganar-te; mas logo te avisei de que era muito raro e estranho o que me acontecia.

— O que não posso explicar é o haveres desistido de levar o ramo de flores a tua mãe, somente por essa doidice. Olha, volta-te e colheremos dois ramos: um para tua mãe e outro para a minha.

— Ora... Já é muito tarde.

— Para onde ias tu?

— Para casa.

— Tens alguma coisa que fazer?

— Não.

— Pois, então, volta ao jardim. Não tens outro remédio, senão obedecer-me.

— Se tens empenho nisso...

— Claro que sim. Vamos às flores. Gosto da ideia de oferecermos flores às nossas mães. Causamos-lhes tantas arrelias, que as devemos desagrarar com beijos e com flores.

— É verdade — rematou Rosália.

E as duas crianças lá foram para o jardim, de braço dado, risonhas e contentes...

Mal tinham dado alguns passos, notaram que um garoto corria, velozmente, para elas, com um pássaro na mão.

— Olhai, olhai! — disse o garoto. — Que pássaro tão bonito!

— Quem to deu, Manolito? — perguntou Margarida.

— Apanhei-o eu.

— Como?

— Apanhei-o, quando ele entrava no ninho. Pus-lhe a gôrra em cima.

— Se calhar, magoaste-o, — disse Rosália.

— Não, não... Por isso... não sei...

— Parece que se queixa.

— Está mas é a cantar. Há de ser muito cantador.

— Não, Manolito. Ele não canta; chora.

— Estás doida. Os pássaros não choram.

— Nem cantam, quando os tratam mal e os engaiolam. Esse piar não é de gozo; é de sofrimento. Olha: de vez em quando, diz: «pio, pio.»

— É o seu canto.

— O seu pranto! Pobrezinho! Muito mal lhe deves ter feito!

— Nenhum.

— Muito. Assim no-lo diz o seu pranto. Não é verdade, Margarida?

— O passarito impacienta-se e tenta defender-se com o bico, responde a outra menina.

— É natural — diz Manolito —. Faz tudo isso, porque quer escapar. Mas não sai daqui. Os meus dedos são muito fortes.

— Não o apertes, — suplica Rosália.

— ¡ És muito ingénua! ¿ Então, não vês que é para o impedir de escapar?

— ¡ Olha, olha, como abre o bico!

— ¡ Solta-o, que o afogas!

— Não quero. Nêle mando eu.

— Dou-te uma peseta, se o soltares, diz Rosália.

— Venha ela.

— Toma. Dá cá o passarinho.

— Aí o tens. É teu.

— Obrigada. ¡ Pobrezinho! Está meio morto...

— Sopra-lhe entre asas. Verás como revive.

— É verdade, Rosália. Já tenho visto fazer reviver outros pássaros.

— Já está reanimado. Agora, vou soltá-lo. Mas toma cuidado, Manolito. Não o tornes a apanhar... Seria grande pecado. O passarinho já não é teu. Posso fazer dele o que eu quizer.

— Solta-o, que eu vou gastar a peseta que me deste por êle. Se os pagas todos assim, vou apanhar outros.

— Não tenho dinheiro e espero que não apanhes mais. Vou soltá-lo. À uma... às duas... às... às três!...

E deixou o passarinho em liberdade, o qual iniciou um grande vôo.

As três crianças contemplavam-no, entusiasmadas. Olhavam-se alegremente, sem esboçar palavra. Finalmente, Margarida rompeu o silêncio.

— ¡ Contenta que êle vai!...

— Mas eu fico com a peseta. Vou gastá-la. ¿ Quereis vir comigo?

— Obrigada. Eu e Margarida temos que nos ir embora.

— Vamos àquela confeitaria, que é perto.

— Não, não, obrigada.

— Ide-vos. Se não aceitais, melhor. Comerei todos os doces, à conta do passarinho.

— E do bom coração de Rosália, replicou Margarida.

— Também, também; mas ela não largava a peseta, se eu não lhe desse o pássaro. É muito agarrada...

— ¿ Porque dizes isso?

— Já o tenho observado muitas vezes. E a moeda que me deu o indica: Brilha mais do que o sol.

— Está limpa de a ter no bôlso, disse Rosália.

— Naturalmente. ¡ Deve ter em teu poder um par de anos!

— Não, não. Dois meses.

— ¿ Vês, como és agarrada?

Nêste momento, aproximou-se um velho, de aspecto humilde e dirigiu-se-lhes, com voz doce e tom persuasivo:

— Estive a observar a vossa boa acção e venho felicitar-vos. Sou o eterno pastor das aves do parque. Há muitos anos que as guardo, durante o dia, e as vigio, durante a noite. Em criança, fui muito mau e deshumano para com elas. Matei muitas e engaiolei outras. Tinha mau instinto e comprazia-me em perseguir-las à pedrada. Minha boa mãe castigou-me muitas vezes por causa disso e ameaçava-me, com frequência. Mas, nem castigos nem ameaças conseguiram modificar os meus péssimos instintos e passava os dias a correr atrás dos inofensivos animais.

«Assim passaram os anos. Cresci, sem me preocupar com os livros, porque todo o tempo era pouco para perseguir as aves. Cheguei, mesmo, a pagar multas, impostas pelas autoridades.»

As três crianças prestavam muita atenção ao velho e Manolito esqueceu-se de ir gastar a peseta.

Ao verificar a sensação que a sua história produzia neles, o velho aproveitou a ocasião para lhes incutir na alma a semente dos bons sentimentos.

— Diga-me, senhor, — perguntou o garoto —, ¿ Agora já não gosta de apanhar passarinhos?

— Não, rapaz. Pelo contrário; hoje, castigo o menino que os apanhe ou martirize. Converti-me em defensor deles.

— ¿ E porque mudou assim?

— Um dia, vi, numa roseira, um pássaro muito bonito, amarelo e vermelho, e senti grande desejo de o apanhar. E com tanta força me lancei sobre a planta, que fiquei com a cara e as mãos cheias de espinhos. A dor que me produziram as picadas foi espantosa. Gritei de dor e de raiva, ao ver que o pássaro tinha fugido e eu ficara cheio de sangue. Depois, levantei-me, como pude, e dirigi-me a casa, onde minha mãe me curou, com amorosa solicitude. Uma vez terminado o curativo, e à medida que as dores se acalmavam, o rosto de minha santa mãe adquiria cada vez maior severidade. E disse-me, então, com gesto amargo:

— Meu filho, o que te sucedeu foi um castigo merecido. Não esqueças que Deus é muito bom e que vela pelos passarinhos, que também são obra sua. Tu és muito cruel para com os inocentes animaizinhos, mata-os sem compaixão, sem ver que deves respeitar a vida dos animais, que não te causam dano algum.

«Os pássaros têm o seu sentimento próprio, o seu afecto e os seus amores. Os pais querem muito aos filhinhos. Tratam-nos e dão-lhes de comer, até que estes estejam em condições de o fazer por sua conta.

«Mais duma vez levaste a dor e a desolação aos seusinhos, em virtude da tua inconsciente crueldade. E muitas vezes, querido filho, a minha alma estremecia de amargura, ao pensar que um dia, ao deitar-me, poderia encontrar a tua cama vazia, mercê de algum malfetor que te roubasse, para te martirizar ou matar. Esta ideia cruel enlouquecia-me e murmurava: se isto sucedesse, matava-me, porque não podia suportar tamanha dor.

«Minha boa mãe impressionou-me tanto, que não pude conter as lágrimas, que me brotavam dos olhos. Abracei-me a ela e prometi-lhe que nunca mais faria mal a nenhum pássaro, nem a outro animal qualquer.

«Minha mãe ficou muito impressionada. Estreitou-me ao peito e verifiquei que estava contentíssima.

— Bem hajas, filho, — disse ela —. Tenho fé em ti e espero que mudes de rumo.»

As três crianças perguntaram-lhe, então, com paciência infantil, o que se tinha passado depois, isto é, se êle tinha cumprido a palavra.

E o velho continuou, com gesto de amargura:

— Assim passaram os anos. Fui crescendo, sem prejudicar as aves, até que cheguei aos vinte anos. Um dia, circulou pelo povo a notícia, segundo a qual se havia declarado na nação uma guerra civil e que os milicianos andavam pelas aldeias à procura de todos os môços úteis. Não sei por que rara associação de idéas, pensei em minha mãe e nos inermes passarinhos. Muito preocupado, fui a casa e, à entrada, encontrei vários milicianos que me procuravam, a-fim-de ir para a guerra.

«Pedi-lhes que me deixassem ficar ali até à noite, para me despedir de minha mãe, ao que elles acederam. Entrei, então, em casa; mas, ao contemplar minha bondosa mãe, que estava na cozinha a fazer o jantar, não tive ânimo de lhe dar a notícia.

«Decorreu o dia, sem que eu tivesse coragem de lhe contar o sucedido. À noite, fechado no meu quarto, escrevi-lhe uma carta a contar-lhe tudo. E depois de beijar o seu retrato muitas vezes e escondê-lo no peito, saí, pé-ante-pé, para que ela me não sentisse... Abandonei o povoado, para me juntar aos milicianos, como lhes havia prometido, «pelas cinzas do meu defunto pai.»

— E depois? E depois? — perguntaram todos.

— Minha mãe não pôde suportar a desgraça. Faltou-lhe coragem e fez o que me tinha dito, quando me ralhou por eu martirizar os pássaros, no dia em que eu caí na roseira.

— Suicidou-se.

— Ah, que barbaridade!

— Sem dúvida, — disse o velho —. Ao entrar no meu quarto e depois de ler a carta, deu-lhe um ataque de nervos e suicidou-se.

«Como me encontrava longe dela, não pude acompanhá-la na dolorosa agonia.

«E muito devia ter sofrido, a pobre, separada de seu filho e sem ter quem a tratasse!... Ao lembrar-me do triste fim de minha mãe, sinto agonias de alma. Foi há quarenta e nove anos e nem um só dia deixei, ainda, de evocar o acontecimento. Ao recordar o sucedido, a minha alma enche-se de amargura.

Os meninos ficaram impressionadíssimos e deixaram assomar aos olhos algumas lágrimas de dor, as quais Manolito tentava disfarçar, por lhe parecer que o chorar não era próprio dos homens.

— Não choreis, meus filhos, — disse o velho. Basta que eu sofra. E por isso, dou por terminada a minha história.

— Por Deus! — exclamou Rosália.

— Peço-lhe que continue! — suplicou Margarida.

— Diga-me, cá — inquiriu Manolito —. E que tem isso que ver com os pássaros?

— Tem muito, meu rapaz. Para que avalieis, vou dizer-vos o que me contaram, quando eu regresssei a casa, depois de terminar a guerra, de que não quero falar, porque melhor será que nada saibais dessa grande desventura humana. Ao regressar a casa, contaram-me o triste fim de minha santa mãe. E eu surpreendi-me, a orar, de joelhos, no lugar onde repousaram os seus restos mortais. O choro não me deixava rezar, nem fixar a mínima ideia.

«Quando serenei, pude observar que, na sepultura, havia flores de almindro, facto que chamou a minha atenção, pois não podia calcular quem era a alma piedosa que, na minha ausência, se lembrava do ser que eu adorava e ao qual devia tudo na vida.

«Interpelei o guarda do Campo Santo. Este respondeu-me, com cara de admirado:

«— É surpreendente o que acontece na sepultura de sua mãe. Quasi todos os dias, os pássaros lá vão colocar flores.

«Cheio de assombro e sem poder conter-me, voltei a chorar.

«O guarda tranqüilizou-me, então, e advertiu-me de que o meu pranto podia espantar as aves que se dedicavam à humana faina de trazer flores para a campa de minha mãe.

«Aquêlê monstro», como o padre António Vieira a denominou, que nos preocupa e sobressalta, porque a todos atinge, directa ou indirectamente, que atrás de si só deixa ruínas e lágrimas e que, como ainda diz Vieira, quanto mais come e consome, tanto menos se farta, é fruto do egoísmo dos homens, é, principalmente, obra criminosa dos «Sem Deus», que, desconhecendo ou desprezando a obra de Jesus, «sempre andam buscando distúrbios», inventando motivos que lhes sirvam de pretexto aos brutais e indignos processos de esmagamento e absorção. Daqui, as guerras injustas a que temos assistido.

Sem sairmos da ensangüentada Europa, quantos crimes, quantas monstruosidades não têm sido cometidos?!

Se uma moral elevada guiasse os passos dos homens, não teriam as nossas almas de confranger-se ante as cenas de crueldade e horror, cujos relatos são, dia a dia, postos ante os nossos olhos atónitos.

Com boa vontade e bom entendimento e lealdade nos processos, o Mundo chegaria para todos.

Se a guerra actual terminar, como tanto desejamos, pela vitória cristã, abençoados serão todos os sacrificios daqueles, a quem a guerra foi imposta, porque o materialismo e o egoísmo dos «Sem Deus» terão experimentado um rude golpe.

De desejar é que fique bem afirmada a supremacia do Espírito sobre a matéria e a da Moral sobre o Crime.

«Com efeito, não tardou a aparecer um, com um raminho de almindro no bico.

«Não podeis imaginar a grande alegria que experimentei, ao vê-lo. Naquele momento, pensei, maduramente, no fino sentimento das aves e no muito que lhes havia feito sofrer. Jurei, então, a minha mãe que não tornaria a maltratar pessoa alguma e que dedicaria a vida a proteger os pássaros.

«Aqui está por que me chamam o pastor dos passarinhos. Foi por isto que me acerquei de vossês, com o propósito de repreender este menino...»

E dirigindo-se a Rosália, concluiu:

— ...O que tu evitaste, com humana intervenção.

Manolito, mofino e preocupado, devolveu a peseta a Rosália, que a recusou imediatamente, propondo-lhe que a gastasse em alpista, para os pássaros do jardim.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A obra da Sinagoga espi-rita «Nova Jerusalem»

Esta secção não se criou somente para a divulgação dos fenómenos espíritas e metapsíquicos, mas para registar todas as obras sociais que por esse mundo se erguerem, à sombra acolhedora do Espiritismo. Hoje, cabe a vez à obra da Sinagoga Espirita «Nova Jerusalem» e Cosinha dos Pobres, fundada e mantida em S. Paulo por um português de extraordinária actividade, que há mais de vinte anos se dedica ao mister de bem-fazer. Chama-se António J. Trindade e dirige a *Alvorada duma Nova Era*, revista quinzenal que se publica na mesma cidade, há cerca de oito anos, como órgão da Sinagoga.

Tem sido, realmente, notável a assistência prestada por esta instituição aos pobres de S. Paulo e doultras regiões brasileiras, pois dá de comer a quantos ali acorrem e fornece medicamentos gratuitos aos que deles necessitam.

Esta instituição gastou mais de mil contos nos últimos 24 anos de existência, sem contar o juro do capital invertido. Doutro modo, as despesas de assistência iriam a perto de dois mil contos.

Segundo a mencionada revista, que temos presente, o número de refeições até agora distribuídas sobe a mais de um milhão e o número de consultas dadas, nos seus gabinetes, ultrapassam cento e vinte e oito mil.

As receitas aviadas andam, também, à roda de sessenta mil. Para se imaginar o que teria sido a actividade da Sinagoga, basta dizer que tempo houve em que eram precisas quatro pessoas para atender os necessitados. E se fôsem só os necessitados que ali acorressem...

Emfim, estamos em presença duma obra enorme, altamente significativa, devida a um português do Brasil, a um português de lei que tem sabido honrar o Ideal e a Pátria, em terra distante e amiga.

A título de informação, diremos também que o Sanatório para tuberculosos, em construção em Suzano, próximo de S. Paulo, e cuja *maquette* deixa entrever a grandeza do monumento, é devido ao mesmo batalhador incansável, a quem *Estudos Psíquicos* saúda, com muita e muita satisfação, fazendo votos pelo prosseguimento da sua obra admirável.

Os animais domésticos sobrevivem

Assim o afirma Sir Ernest Bennett, no seu último livro, intitulado *«Apparitions and Haunted Houses — A Survey of Evidence»*, editado pela casa Faber and Faber, de Londres.

The Greater World transcreveu alguns passos do capítulo consagrado às aparições de animais. Por que se trata de matéria interessante, trasladamos para aqui a transcrição daquela revista.

«A maioria dos casos de aparições de animais publicados pela *Society of Psychical Research* é referente a cães e a gatos. Por isso, vamos citar a aparição do fantasma dum gato de estimação, observada por quatro pessoas, e que comprova a realidade do facto:

«Minha irmã tinha um gato chamado *Smoky*. Era um belo exemplar de tipo persa, cor azulada, muito interessante no tamanho e no aspecto. Não havia na localidade outro gato que se lhe assemelhasse. Na primavera de 1909, adoeceu, vindo a morrer em Julho do mesmo ano. O jardineiro enterrou-o e plantou uma dália na cova do pobre bichano.

«Antes de morrer, *Smoky* tinha sido mordido por um cão e ficara com as costelas partidas e muito côxo. Este desastre é que motivou o seu fim prematuro.

«No dia 6-7-909 (terça-feira) eu e minha irmã estávamos a almoçar. Eu lia uma carta em voz alta, de costas para a janela, à esquerda de minha irmã. De repente, vi-a assustada, de olhar fixo na janela.

«— Que tens? — perguntei.

«— Está ali o *Smoky*, a passear na erva.

«Precipitámo-nos para a janela e vimos o gato, com aspecto de muito doente, o pêlo eriçado e o olhar esgaçado, a coxear, cerca de três a quatro metros de nós. Minha irmã chamou-o, mas ele não deu por isso. Depois, correu atrás dele, chamando-o pelo nome. Eu fiquei à janela e vi-o voltar para baixo e seguir por uma vereda, em direcção ao jardim. Minha irmã correu, novamente, atrás dele. *Smoky* não se voltou, nem deu pelo nome. Por fim, perdeu-o de vista, entre os arbustos.

«Dez minutos mais tarde, minha irmã e uma amiga nossa que vivia connosco viram o gato outra vez atravessar uma sebe, frente à janela. Minha irmã seguiu-o de novo, mas não conseguiu apanhá-lo. Meia hora depois, foi visto pela criada, a atravessar a cozinha. Quis dar-lhe leite; ele, porém, desapareceu para não mais ser visto.

«Falámos no caso a todos os vizinhos. Ninguém o vira, nem a ele, nem a qualquer gato da mesma raça. Chegámos a julgar que a sua morte fôra devida a confusão do jardineiro. Este ficou tão indignado com a suspeição, que arrancou a dália e desenterrou o corpo do *Smoky*.

«O caso foi testemunhado por quatro pessoas: B. J. Green, H. L. Green, Miss Smith e Kathleen B. (a criada).

«Quando o viram, pela última vez, dirigia-se ele para a porta do quarto, onde vivera, durante o in-

verno e a primavera. O mais curioso é que nenhuma pessoa de casa viu Smoky; e, ao correr atrás dele, minha irmã viu-o correr, inclinado para o lado, como fazia, antes de morrer».

Casos destes contam-se às dezenas, em todas as partes do mundo, não sendo lícito duvidar da sobrevivência dos animais, principalmente daqueles que ocupam os mais altos lugares na escala zoológica, como cães, gatos, cavalos, etc.

Fenómenos no momento da morte

Constancia, de Buenos Aires, relatou um caso bem curioso de aparição que podia ser facilmente incluído na esplêndida monografia do professor Bozzano, intitulada «A crise da morte». Por isso o transcrevemos, em tradução livre, devido à exigüidade do espaço.

«A-pesar da morte ser muito vulgar, cada indivíduo apenas assiste a reduzido número de mortes, não tendo, portanto, do caso experiência muito segura e concludente. Por outro lado, só em casos raros se pode ver o *duplo*, ignorando-se ainda o verdadeiro motivo dessa dificuldade.

«Para perceber o *duplo*, não é necessário dispor-se da clarividência, nem que a percepção tenha origem na vontade do moribundo. O caso que se vai narrar foi garantido por dois médicos. Um deles jamais estudara semelhantes fenômenos, nem neles acreditava não obstante saber que alguns dos seus familiares já haviam sido testemunhas de coisas idênticas.

«O Dr. Janziers residia na Rua J., com a mãe e dois irmãos. Sua mãe estava gravemente enferma e o quarto em que vivia comunicava com outro. Um dia, lembrou-se de abrir a porta de comunicação entre os dois compartimentos, a-fim-de contemplar os filhos, mas fatigou-se e quis fechar, novamente, a porta. Momentos depois, produziu-se o fenômeno. Embora o tempo estivesse calmo, tanto a porta do quarto, como outra que dava para um corredor, abriram-se bruscamente, aparecendo uma sombra humana, baixa, abatida e curvada, os braços cruzados no peito. Trazia um véu acizentado e, pelo corpo e estatura, parecia a mãe do Dr. Janziers. Quando chegou à porta do corredor, desapareceu. As portas cerraram-se ao mesmo tempo, tal como se haviam aberto.

«Os três filhos da senhora Isnard experimentaram sensações de angústia, assim como um amigo que os acompanhava. Os quatro indivíduos dirigiram-se ao quarto da doente. Esta estava adormecida. Lembra-ram-se imediatamente de histórias de aparições, que se produzem antes da morte de certas pessoas. O próprio Dr. Isnard verificou que a sombra aparecida tinha perfeita semelhança com sua mãe.

«Dez dias mais tarde, a doente falecia».

O autor da notícia acrescenta que esta cena tem sido contada milhares de vezes, podendo garantir-se que muitas vezes o moribundo exterioriza o seu *duplo*, ou *corpo etérico*.

Um *duplo*, mesmo vagaroso e transparente, é — diz ele — uma garantia de sobrevivência. E acrescenta:

— Alguns testemunhos de enfermeiras são verdadeiramente impressionantes. Existe uma que, no fenômeno da morte, vê repetir-se, sempre, a mesma cena. Sobre a cabeça do moribundo, vê formar-se uma massa gasosa que acaba por adquirir a forma humana daquela que acaba de morrer.

E termina:

— Não se pode duvidar de que apenas somos uma pequena parte do que existe e de que determinados seres têm a visão mais extensa. Há um grande mundo invisível em torno de nós e cujo descobrimento será muito lento, visto que a natureza possui desconcertante habilidade para nos ocultar o que deseja manter em segredo.

A Cruzada Espirita Suburbana

Nos subúrbios do Rio de Janeiro, em Engenheiro Leal, há uma grande agremiação espírita que em 19 de Maio último comemorou o décimo quinto aniversário da sua fundação. É a bem conhecida *Cruzada Espirita Suburbana*, cuja obra de assistência é verdadeiramente admirável.

É com maior prazer que extraímos da *Revista Espirita do Brasil* os elementos desta notícia, por entendermos que toda a propaganda que se fizer, acerca de agremiações congêneres, só eleva e dignifica o Espiritismo.

O Presidente da Direcção da *Cruzada* é o operoso confrade Mário de Almeida, antigo jornalista e criador de tão formoso empreendimento.

Para fazer ideia do progresso realizado, basta ver que, desde 1925, estabeleceu e mantém as seguintes filiais na zona suburbana: Cruzada Espirita Vila Rosal, Cruzada Espirita Fluminense, Cruzada Espirita do Areal, Cruzada Espirita Honório Gurgel, Cruzada Espirita Coelho da Rocha, Cruzada Espirita Belford Rôxo, Cruzada Espirita José Bulhões, Cruzada Espirita do Xerém, Cruzada Espirita Nazaré, Centro Espirita Dias da Cruz, Cruzada Abrigo Velhice Desamparada e Orfanato Cruzada Espirita Suburbana.

Além destas filiais, a Cruzada já adquiriu o prédio da sede social, o prédio do Abrigo e Orfanato, outro próximo deste último, sede do Hospital e Maternidade, o prédio onde está instalada a Cruzada Espirita Fluminense, o prédio do Centro E. Dias da Cruz, o prédio da Cruzada E. Vila Rosal. Possui, também, dois lotes de terreno na Rua Coelho Neto e na Rua Marechal Hermes e um campo com 200.000 metros quadrados, em Tinguá, Rio do Ouro, proveniente de doação feita pelo Ministério da Agricultura, que reconheceu os elevados fins desta entidade, a qual vai instalar neste terreno um Abrigo-Colônia para menores.

Sustenta, além disso, quatro escolas mixtas gratuitas.

Todas as filiais mantêm serviço gratuito de assistência e ambulatório e uma Caixa Funerária, destinada a atender todos os associados.

O Abrigo da Velhice Desamparada é outro empreendimento digno do maior louvor, bem como a Casa de Saúde «Allan Kardec», há pouco inaugurada. É um prédio moderníssimo, com aparelhamento novo e apropriado e situado num local dos mais saudáveis.

A Casa de Saúde — diz a *Revista Espirita do Brasil* — é obra destinada a engrandecer as organizações sociais do Brasil. É realização digna de justos ecômos, porque tem salas confortáveis, com todas as comodidades necessárias.

É interessante notar que as salas da Casa de Saúde têm como patronos os Cruzados que mais se distinguiram.

À Cruzada Espirita Suburbana e em especial ao seu Presidente Mário de Almeida e a sua Ex.^{ma} Es-

pôsa, apresenta *Estudos Psíquicos* os seus sinceros cumprimentos, fazendo votos pelas prosperidades de tão bela agremiação.

Como certo espírito evitou uma execução judicial

The Greater World tem sido precioso auxiliar destas páginas, que procuramos tornar o mais interessantes que nos é possível. Agora, por exemplo, escasseiam os elementos necessários, em virtude da guerra europeia, que dificulta a navegação e impede os jornais estrangeiros de chegarem, regularmente, ao seu destino. Temos, porém, esperança de que tudo se normalizará, como convém. Até lá, tenhamos paciência.

The Greater World dá-nos, pois, um relato digno de registo. Um tal Reid era proprietário agrícola de Bowland, no sul da Escócia, e fôra perseguido judicialmente, por causa de uma dívida que lhe atribuíam os antigos donos das terras. Reid estava convencido da legalidade e injustiça da demanda, julgando que seu falecido pai havia comprado aquelas terras. Fizeram-se pesquisas nos documentos deixados pelo falecido, bem como entre pessoas que, com ele, haviam negociado, e nada se encontrou que pudesse garantir a defesa da causa, a ponto tal, que o pobre sr. Reid estava resignado ao pagamento dos ditos exigidos. Para isso, resolveu ir a Edimburgo tentar um acôrdo. Deitou-se a pensar no caso, muito preocupado com a demanda, e teve o seguinte sonho, na verdade, curioso e edificante.

Sonhou com o pai, que lhe perguntou por que estava tão preocupado. E o sr. Reid contou o motivo do seu aborrecimento, dizendo que o que mais lhe custava era pagar aquela enorme soma, quando estava certo de que não era devida, embora não tivesse provas em contrário.

— Tens razão, meu filho, — respondeu o pai. Eu saldei os ditos que te exigem. Os papéis respectivos estão nas mãos de Fulano, procurador aposentado, residente em Inveresk, nas proximidades de Edimburgo, a quem me dirigi naquela altura, por uma questão particular. Depois, nunca mais tratou dos meus negócios.

«É possível que ele tenha esquecido circunstância tão antiga; mas podes avivar-lhe a memória, dizendo-lhe que, ao pagar-lhe a conta, foi difícil trocar uma peça de ouro portuguesa e resolvemos ir a uma taberna gastar a diferença em bebidas.

Reid despertou, fortemente impressionado. Levantou-se e foi a Inveresk, em vez de se dirigir a Edimburgo, onde encontrou a pessoa com quem falara em sonho. Sem lhe contar o sucedido, perguntou-lhe se não se recordava de ter feito um negócio com seu falecido pai. A princípio, a pessoa indicada não se lembrava de tal negócio; mas, quando ouviu falar na moeda portuguesa, imediatamente se fez luz no seu espírito e foi procurar os papéis, que facilmente encontrou.

E aqui está como o sr. Reid pôde ir a Edimburgo salvar a situação. Com a apresentação dos documentos, ganhou a causa que estava em risco de perder.

A revelação do Espiritismo é o maior acontecimento dos tempos modernos.

E. W. Oaten

GABRIEL GOBRON

O Dr. Gabriel Gobron, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em França, acaba de nos escrever, comunicando a triste odisseia que o vitimou, após a invasão de Rethel pelas tropas alemãs, as quais arrasaram oitenta por cento das habitações desta cidade, tão flagelada pelos bombardeamentos. Embora de pé, a casa do nosso amigo não pôde fugir às inexoráveis regras que as invasões impõem aos povos invadidos. E todo o recheio foi sacrificado... Gobron seguiu na onda de fugitivos, acompanhado da esposa, três malas de mão para jornada, Deus sabe de quantos dias... Encontra-se no «Centre d'accueil des réfugiés de L'Absie (Deux-Sèvres) — França, e pede-nos que informemos disto os seus correspondentes portugueses, brasileiros, espanhóis e sul-americanos. Aí fica satisfeito o seu desejo.

Lamentamos, profundamente, a sorte da França e de seus filhos, que atravessam a maior provação da sua história de séculos. Lamentamos, igualmente, a sorte de Gobron, amigo querido, a quem muito admiramos, pela inteligência do seu espírito e pela bondade do seu coração.

A uma e outro, os protestos da nossa estima e da nossa solidariedade.

ASSEMBLEIA GERAL

No dia 7 de Agosto corrente, realizou-se a Assembleia Geral do Centro Espiritualista Luz e Amor, para prestação de contas da gerência de 1939-1940, tendo sido apresentado o relatório da Direcção, sobre o qual recaiu um voto de louvor proposto pelo Conselho Fiscal, de cujo parecer extraímos os seguintes parágrafos:

«As contas que nos foram apresentadas pela Direcção constituem um documento equilibrado, em que se manifesta uma perfeita actividade administrativa, honesta e produtiva.

«Verificada toda a documentação e os respectivos lançamentos no livro «Caixa», declaramos ter encontrado tudo em boa ordem e confirmamos o saldo positivo de 1.364\$51, tendo sido a receita de 9.047\$35 e a despesa de 7.682\$84. Este saldo é tanto mais apreciável, quanto é certo que, além da despesa feita com este primeiro ano de propaganda, os fundos do Centro sofreram um rude golpe com a instalação definitiva da sua sede.»

Segundo o relatório da Direcção, o Centro começou a reorganização em 22-6-939 com 22 associados e terminou-a em 30-6-940, com 435.

Falaram diversos oradores, sempre dentro das verdadeiras normas associativas, e encerrou-se a sessão, após uma prece de agradecimento aos Guias tutelares do Centro.

No próximo número:

«Como eu compreendo a solidariedade»,
pela sr.^a D. Dinah dos Santos Lima.

Quarta reunião de confraternização

Passeio à Mata da Caparica

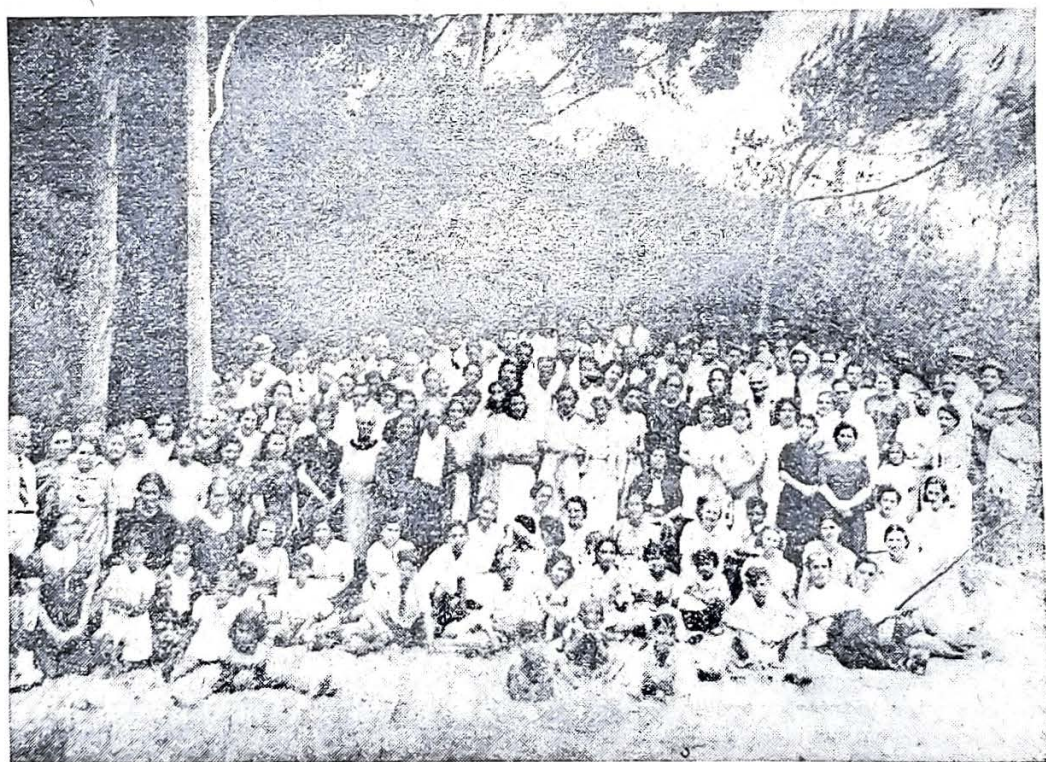
CUMPRINDO o seu programa de aproximar entre si os espiritas portugueses, levando-os a estreito e íntimo convívio, o Centro Espiritualista Luz e Amor realizou a sua quarta festa de confraternização, em 14 de Agosto de 1940.

Foi esta a primeira festa do Centro, cuja iniciativa e organização estiveram a cargo da Comissão de Propaganda «Juventude Espirita», nascida em boa hora, pelo entusiasmo despertado nos excursionistas à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo.

vam no Cais das Colunas, com destino à Trafaria. A mesma hora e com igual destino, embarcavam em Belém os restantes, da parte ocidental.

A viagem fez-se sem incidente e logo nos vapores as conversas se generalizaram e o convívio se estabeleceu. Da Trafaria para o local do acampamento, fez-se o trajecto a pé e esta pequena caminhada constituiu um passeio higiénico, entre o pinhal e o mar, benéfico para a saúde e para o apetite.

Ficaram todos maravilhados com o local, mata



Grupo de excursionistas na Mata da Caparica

Tanto na escolha do programa, como do local de acampamento, a «Juventude» foi, na verdade, felicíssima, e o seu incansável e activo animador — Eduardo Matos — demonstrou, exuberantemente, as suas extraordinárias qualidades de realizador, não se poupando a esforços, para que tudo resultasse harmónico e perfeito.

O preço módico da inscrição contribuiu para reunir cerca de 250 pessoas em franca camaradagem, pois todos ficaram satisfeitos e ansiosos por festas semelhantes.

Como sempre, o programa foi cumprido. As 7,40, os excursionistas da parte oriental da cidade embarca-

frondosa de eucaliptos, pinheiros e altos arbustos, situada a meio caminho da Trafaria e da Costa, um verdadeiro paraíso, onde os corpos repousam tranquilamente e as almas sentem a influência do ambiente natural, que predispõe para a solidariedade e o amor do próximo.

No acampamento formaram-se grupos, segundo as afinidades. Comeu-se, riu-se e brincou-se alegremente, em bela harmonia e boa disposição, como é timbre das nossas reuniões. Alguns foram banhar-se à Praia e outros ficaram no acampamento, fascinados pela amenidade do majestoso cenário.

Recebeu-se a visita de alguns amigos da província.

cia, entre os quais o sr. Tenente Fernando da Silva Caetano, de Alter do Chão e nosso estimado assinante.

Pouco depois, iniciava-se o programa, com palestras de vários confrades.

O Presidente da Direcção do Centro, Tenente Isidoro Duarte Santos, agradeceu a comparecência de todos os presentes e exaltou o valor das festas de confraternização, entre espiritas e não espiritas, pois é através delas que muitos ficam conhecendo os fins humanos, generosos e altruístas do Espiritismo e se resolvem a alinhar nas nossas fileiras. Foi assim — afirma — que se formou em Cuba a *Confederacion Espiritista*, organismo florescente e grande foco de propaganda. Esta prática tem sido, igualmente, seguida noutros países, sobretudo no Brasil, formosa pátria em que algumas federações espiritas foram consideradas de utilidade pública. Espiraiou-se, depois, em várias considerações, estimulando o entusiasmo da juventude em prol da consolidação do Centro e terminou por agradecer o auxílio prestado à Direcção, nesta fase difícil que é necessário vencer, por todos os meios ao nosso alcance.

A palestra do nosso confrade foi sucinta, clara e expressiva e agradou plenamente aos numerosos ouvintes.

A seguir, falou o Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa, que se dirigiu, principalmente, aos não-espiritas que se associaram ao passeio, pois é confraternizando que melhor nos podem conhecer e tomar contacto com a nossa Doutrina, dentro da qual há resposta para todas as dúvidas que torturam a humanidade. Em

abono desta afirmação citou nomes de sábios notabilíssimos que vieram estudar o Espiritismo com intuítos inconfessáveis e se tornaram depois seus adeptos fervorosos. Teve, também, palavras de incitamento para os componentes da Juventude Espirita, tendo as suas palavras produzido magnífica impressão.

O Dr. José Gaita, que se lhe seguiu, disse algumas palavras acêrca de «A vida na natureza». Em seu entender os excursionistas vieram para viver um dia livremente, longe do bulício da cidade, e o melhor conhecimento que podiam ter da vida na natureza era aproveitarem estas poucas horas para folgar, sem preocupações, nem rancores. Em local tão aprazível, era bom viver a vida o melhor possível e procurar que dêste dia de liberdade nos ficasse grata memória.

O nosso Vice-Presidente teve o condão de abrir o caminho ao confrade Eduardo Matos que falou a respeito do significado da festa, concitando todos à alegria comunicativa, pois onde há alegria e boa disposição, há vontade de trabalhar e de viver.

Todos aplaudiram estas palavras finais, dando-se, em seguida, início ao restante programa, que constou de declamação de poesias, aneddotas, jogos, etc., etc., além da rifa duma jarra que coube ao confrade António Castanheira de Moura.

Passava das 20 horas quando começou a debandada. Levantou-se o acampamento e os excursionistas foram partindo em grupos para o Cais da Trafaria, à espera do vapor que os conduzisse a Lisboa, certamente pesarosos por ter sido tão breve este belo dia de confraternização espirita.

FALAM OS SÁBIOS

De Amicis, professor na Universidade de Nápoles:

«Eu próprio posso, depois de ter assistido a estas diversas experiências (com Eusápia Paladino), afirmar, sem reticências, a realidade dos fenómenos observados».

* * *

Professor Challis, da Universidade de Cambridge:

«As provas (da realidade dos fenómenos psíquicos) têm sido tão abundantes e completas, têm vindo os testemunhos de tantas fontes independentes entre si e de um número tão considerável de assistentes, que é forçoso ou admitir as manifestações tal como no-las apresentam, ou renunciar à possibilidade de certificar um facto, qualquer que seja, mediante um depoimento humano». (Russell Wallace — *Le Moderne Spiritualisme*).

* * *

Russell Wallace, naturalista insigne, presidente da Sociedade Inglesa de Antropologia:

«Até à época em que me encontrei pela primeira vez em presença dos factos do Espiritismo, eu era incontestavelmente um céptico filosófico... Era um materialista tão perfeito e tão convicto, que não podia

nêsse tempo encontrar lugar no meu pensamento para a concepção duma existência espiritual... Todavia, os factos são coisa obstinada... Eles me convenceram. Eles me forçaram a aceitá-los como factos, muito antes que pudesse admitir a explicação espiritualista. Não havia então «no meu sistema de pensamento» lugar em que aquilo pudesse acomodar-se. Mas, gradualmente, um lugar se fez». (*Le Moderne Spiritualisme*).

* * *

Dr. J. Hyslop, professor na Universidade de Columbia (Estados Unidos):

«Não existe outra explicação racional dos factos senão a hipótese da sobrevivência da alma; as provas acumuladas que convergem em seu favor são por tal forma perentórias que não hesito em declará-las em tudo equivalentes, senão superiores até, às que confirmam a teoria da evolução». (*Contacts with the other World*, pág. 328).

* * *

De Victor Hugo:

«Evitar o fenómeno espiritista é fazer bancarrôta da verdade». — (*Les Génies*).

Por esse mundo...

— Assumiu o cargo de 1.º secretário da Federação Espirita Brasileira o Dr. Ubaldino Ramalheite Maia, ex-deputado federal pelo Estado de Espírito Santo e acérrimo defensor das ideias espiritas.

— *La Revue Spirite Belge*, de Liège, inseriu no seu número de Abril a seguinte legenda: «*Fazendo preces pela paz, pedimos que triunfe a Justiça, o Direito, a Liberdade. Que aqueles que defendem estes princípios sejam unidos, disciplinados e desinteressados.*» De nada valeram heróicas virtudes, perante a brutalidade do Anticristo, senhor do mundo. Mas a hora da justiça soará. A árvore que não der bom fruto, será arrancada pela raiz.

— Os jornais espiritas brasileiros incitam todos os adeptos a recenciar-se e a declarar nos boletins a sua crença religiosa.

— Realizou-se, há pouco, na Argentina, o «Dia do Livro Espirita», que obteve grande êxito.

— Segundo o *Psychic News*, a política actual de Roosevelt deve atribuir-se à influência do espírito de Abraão Lincoln.

— O Dr. Rauschnig, ex-Presidente do Senado de Dantzig, autor do célebre livro «Hitler disse-me...», está convencido de que o chanceler alemão é fortemente obsediado por forças tenebrosas. Com efeito, só uma obsessão total deste género pode levar alguém à destruição sistemática, nada respeitando e permitindo que a aviação metralhe implacavelmente os fugitivos, desprovidos de meios de defesa.

— Num artigo publicado na *Revue Spirite* e intitulado «La noble gaieté rabelaisienne», o Dr. Léon Perin conclue, afirmando que a mediunidade de Rabelais se afirma claramente no Capítulo XCIII de «Pantagruel», em que se relata um desdobramento de personalidade «que podia muito bem ser a dele».

— A Federação Espirita Brasileira, foi obrigada a aumentar o preço dos livros editados pela sua Livraria, em virtude da situação criada pela conflagração europeia, que atingiu, seriamente, as matérias primas daquela indústria.

— O *Clarim*, pela pena do seu director, José da Costa Filho, insurge-se (e com razão) contra certos presidentes de centros espiritas que têm a coragem de cobrar dez milreis pelos «passes» aplicados nos incautos que lhes chegam às mãos. E acrescenta: «Muitos deles, segundo nos afirmaram, compraram, por esse meio, casas para serem alugadas». Vendilhões, que estão a pedir azorrague...

— Na Fazenda Garcia, (cidade de Salvador, Brasil) há uma médium de extraordinários poderes curadores. Chama-se Anália e é visitada, ininterruptamente, por indivíduos de todas as classes sociais, que procuram alívio para seus males. — «As minhas curas — disse ela — têm causado reboliço; mas estou disposta a operar na própria delegacia (esquadra de policia), para que todos vejam. Qualquer investigador, doente da garganta, é por mim operado, na presença das au-

toridades, logo que esteja nas condições. Praticarei uma intervenção, como as que tenho feito, assistidas até por médicos». Verdadeira revolução na arte de curar.

— Em Belo Horizonte, acaba de fundar-se a União das Sociedades Espiritas Mineiras, que tem por fim congregar o maior número de Centros do Estado de Minas Gerais. Esta União prestará, aos filiados, toda a assistência moral junto das autoridades, garantindo o funcionamento dos mesmos e pugnando pelo direito efectivo de reunião, que a lei permite a todos os credos religiosos.

— Continua a propaganda a favor do *Hospital Espirita de Nicteroi*, destinado a receber pobres e estropeados.

— A *Cruzada Espirita Suburbana* vai iniciar brevemente a construção de um pavilhão especial para tratamento de obsediados, onde os doentes de quaisquer associações espiritas poderão ser tratados pelos médiuns das mesmas, com seus próprios métodos de trabalho. O Rio de Janeiro ficará, assim, com um estabelecimento especializado para cura de obsessões.

— No dia 1 de Maio último realizou a 13.ª Assembleia da *Liga Espirita do Brasil*, sendo eleitos os novos directores desta importante sociedade, na qual estão filiadas muitas agremiações espiritas.

— Em São Carlos, Brasil, os espiritas iniciaram forte campanha, no sentido da construção dum Albergue Nocturno, no terreno anexo ao Centro Espirita «Maria de Jesus». Já contam com importantes donativos.

— *Jornal Espirita*, de Porto Alegre, continua a propaganda a favor do Hospital Espirita daquela cidade, o qual está a ser ampliado, a fim de poder albergar algumas centenas de enfermos. Ficarão sendo o maior hospital espirita do mundo.

— A *Sociedade de Estudios Psicologicos «Hacia la Perfeccion»*, de Buenos Aires, ampliou, há pouco, o programa da sua acção cultural e beneficente, passando a denominar-se *Asociacion de Cultura Integral y Beneficencia «Hacia la Perfeccion»*. Além da beneficência, pretende criar cátedras de artes e trabalhos manuais; de filosofia e sociologia; de conhecimentos da personalidade humana, de moral e higiene; realizar, periodicamente, representações teatrais e concertos; fomentar o gosto pela boa leitura; criar aulas de estudos especializados e socorrer os necessitados.

— As «Crônicas de Além-Túmulo», de Humberto de Campos e recebidas, psicograficamente, por Francisco Cândido Xavier, acabam de ser traduzidas em castelhano.

— Alguns espiritas londrinos pretendem substituir a palavra *Espiritismo* por *Gnosticologia*. ¿Que dianho será gnosticologia?... Há casos tão supinamente estranhos, que, nem depois de os vermos, os podemos acreditar...

I. D. S.

UM CASO EXCEPCIONAL

O que se vai ler é, na verdade, um caso excepcional. Veiculado pelo Reformador, do Rio de Janeiro, órgão da Federação Espirita Brasileira, estamos certos de que se trata de narração verídica, tanto mais que o seu autor, nosso confrade sr. Joaquim de M. Monteiro, não omitiu o nome das pessoas que intervieram no acontecimento. Esses nomes estão arquivados naquela Federação. Figuram aqui, apenas, as iniciais, no intuito louvável de poupar essas pessoas a vexames bem compreensíveis.

O sr. Monteiro declarou ao Reformador que não tomava o Espiritismo a sério e só este facto lhe abriu os olhos para a compreensão da verdade espirita.

O caso passou-se em Portugal, no ano de 1939. Segue o relato :

O meu casamento estava marcado para o dia 3 de Fevereiro do ano corrente (1939). Era um enlace de amor. A noiva, minha prima em segundo grau, gentilissima jovem de 22 anos, adornada de todas as graças, tanto físicas, como morais, fôra criada e educada comigo. Conhecíamos bem os nossos caracteres e a família fazia gosto no casamento.

No dia 31 de Janeiro, ao cair da noite, fui levar-lhe o veu de noiva, que eu lhe quisera oferecer. Estavam na sala sua mãe, sua irmã, a ama que a criara e a quem ela votava profundissima amizade cheia de ternura, a sr.^a D. Maria do C. P. O. e seu marido, o Dr. A. O., distinto médico, seus vizinhos e padrinhos de baptismo.

— É lindo! exclamou a minha querida M. Já tenho tudo pronto para a minha partida!...

— Tanta pressa tens de me deixar, querida filha! disse, pesarosa, sua mãe.

M. olhou-a com certo pesar e disse :

— Forçoso é dizer-te o que se vai passar, boa mãezinha. Vou partir, sim; mas, para uma viagem, da qual jámais se volta.

— Outra visão que tiveste — acudi eu, deveras aborrecido. — O Espiritismo deu-te volta à cabeça e isso muito me enerva.

Minha noiva fitou-me demoradamente e disse, tornando-me da mão :

— A minha partida fará com que tu te convenças da grande verdade. Fixa na memória o que te vou dizer. Devó morrer, daqui a três dias. O veú que acabas de dar-me servirá para me cobrir o rosto!

— Cala-te! — rogou-lhe a mãe. — Que disparates são esses?

— Não são disparates, mãezinha. Prepara-te para ficares sem a tua filha!... Esperem um pouco, sim?

Chamou a ama e foi com ela para o quarto, onde se demorou alguns instantes, enquanto nós na sala lhe comentávamos as palavras. Havia já longos meses que eu sustentava com ela porfiada polémica sobre as doutrinas espiritas, de que se tornara adepta entusiasta, o que me incomodava imensamente.

Ao cabo de alguns momentos, voltou M. à sala

com o seu vestido de noiva, que, naquele mesmo dia, chegara da modista. Encaminhou-se para mim, tomou-me o braço e levou-me para defronte de um grande espelho, ao mesmo tempo que me dizia, baixinho :

— Quim, é este vestido que quero levar para a sepultura. Não consintas que o meu corpo vá para o nosso jazigo. Quero que a terra se aconchegue aos meus restos.

Nessa ocasião, tive a impressão nítida de que as feições se lhe cavavam, transformando-se-lhe o rosto lindo numa máscara lívida, cadavérica.

— Tilinha, peço-te que não digas tolices! — supliquei-lhe, muito impressionado.

— Eu, por minha vez, peço-te que nestes três dias me não deixes um só instante.

— Sabes o que isto quer dizer? — perguntou o Dr. A. de O., muito séria e gravemente. — É a imaginação desta pequena, cheia de nervos, prestes a tomar estado.

— Nervos, padrinho? Como estás enganado! E, com isso, demos outro rumo à conversação.

* * *

Naquela mesma noite, tive um sonho que muito mal me fez. Vi a Tilinha, vestida de branco, a dizer-me :

— Vou deixar-te, Quim! Vou deixar-te dentro de três dias!

Acordei, banhado em suores frios. Eram cinco horas da manhã. Atribuí o sonho às palavras que ouvira à minha noiva, na véspera. Às 9 horas, fui à sua casa. Já me esperava e as suas primeiras palavras foram :

— Esta madrugada fui prevenir-te da minha próxima partida e te sugeri a idea de me vires ver, cedo. É que tenho ainda muito para te dizer. Não me deixes um instante, sequer. Quero-te junto de mim, até ao último instante da minha vida! Amo-te do fundo de minha alma; mas, estava escrito que não seríamos um do outro ainda desta vez! Paciência, Quim! Resigna-te, meu querido amigo!

Fiquei tão sucumbido, que não lhe pude responder coisa alguma. Ela, todavia, não estava triste, tanto que tocou e cantou e me pediu que a acompanhasse ao violino, nalgumas peças de Beethoven, Mozart, e Bizet, seus autores predilectos. Era uma pianista distintissima, de uma virtuosidade admirável. De vez em quando, tornava ao Espiritismo e eu, então, lhe dizia :

— Cala-te com essa música... Prefiro a de Mozart.

Passaram-se assim dois dias. Naquele em que ela dizia que se iria deste mundo, perguntei-lhe, a agradecer :

— É hoje que morres, Tilinha?

— Sim... pelas 15 horas! — replicou ela, serenamente. Peço-te que cumpras tudo que te pedi e que não tive coragem de pedir à mamã.

— Está bem! — retruquei, sempre a troçar —.

Queres ir com o vestido de noiva, o véu... e exiges ir para a terra fria e, em paga, prometes aparecer-me. Não é isto?

— Perfeitamente e muito te agradeço o cumprimento dessas minhas disposições.

Faltavam 15 minutos para as 15 horas, quando ela me disse:

— Manda chamar já os meus padrinhos e dizer à mamã e à minha querida ama que venham. Vai também buscar minha irmã, e com muito cuidado dispõe-na para o golpe que vai sofrer... Ela é muito nervosa.

* * *

— Meus queridos amigos, vou partir daqui a instantes... Não me lamentem... Não chorem por mim... Estava escrito que ainda desta vez eu não seria a esposa feliz do nosso Joaquim... Virei vê-los.

Ficou imensamente lívida.

— Mas, que sentes, Tilinha? — perguntou o doutor.

— Descansa, amiguinho. Não sofro coisa alguma. Morro de uma hemorragia interna.

— Quero morrer encostada ao teu coração... Até breve... Não digo adeus!

Às 3 horas em ponto, deixou o mundo.

* * *

No dia seguinte, fui acompanhá-la à sepultura, vestida de noiva e coberta com o aludido véu, conforme pedira. Ao transpor o portão do cemitério, senti grande peso no braço direito. Voltei o rosto nessa direcção e pareceu-me ver um vulto. Experimentei uma impressão indefinível, ao mesmo tempo que ouvi distintamente esta frase:

— Não te assustes... Sou eu.

Somente me retirei quando o coveiro lhe lançou sobre o corpo gentil a última pá de terra e cravou no chão a estaca com o número de ordem. Nem um só instante deixei de sentir no braço aquele peso. À saída, um braço me circunvolveu o pescoço, ao mesmo tempo que uns lábios depunham nos meus prolongado beijo.

Contei tudo nessa mesma tarde, quando fazia companhia às minhas primas, que estavam inconsoláveis. O dr. O., pensativo, disse:

— Minha mulher, que está aqui presente, viu, assim como eu, uma forma branca muito encostada a ti. Essa forma esteve até ao fim da cerimónia e só te deixou no portão do cemitério.

Quási um mês depois, estava eu, certa noite, às 22 horas do dia 1 de Março, no meu gabinete, quando ouvi uma pancada discreta na porta semi-cerrada. Julgando fôrse alguma das minhas criadas, disse: — Pode entrar.

Calcule-se o meu espanto, ao ver diante de mim, ainda mais linda do que quando na terra, a minha querida e sempre lembrada M., que morreu nos meus braços, dizendo que nunca deixaria de me ter amor. Levantei-me, sem sentir o menor temor. Dir-se-ia que esperava aquela visita. Ela caminhou para mim de mãos estendidas e exclamou:

— Quim, aqui estou! Acreditarás agora no que te afirmei ser verdade?

Senti o seu abraço... seus beijos... ouvi-lhe a voz, um tanto velada, é certo, porém, qual eu a conhecia.

Tomou-me a mão direita e levou-me até à secretária.

— Pega no lápis! — disse ela. Vais escrever...

Sentei-me e ajeitei uma folha de papel de carta, que tirei da gaveta. Eis aqui o que escrevi, com a sua mão colocada sobre a minha:

«Querido Joaquim: É numa folha de papel de carta que te escrevo, porque, na verdade, é uma carta e, desta vez, da parte a que chamam — outro mundo...»

— Sou eu, a tua querida M., aquela que na Terra foi tua prima e tua noiva; aquela que não cessou de te amar e que te pede resignação e coragem. Rogo à mamã e à Veva que não me apoquentem com as suas lágrimas. Não morri, Quim, estou viva e bem viva. Sou feliz. Oh! muito feliz! Tenho pago bem caro um êrro que tu e eu cometemos há muitos anos na Terra, onde já fomos três vezes em dura expiação! Já três vezes fomos noivos e sempre a morte nos apartou. Na próxima encarnação, realizaremos o nosso desejo, a-fim-de completarmos o nosso ciclo, que será honroso. Por estes dias, aparecer-te-ei, para te comunicar que tenciono, com a ajuda dos bons amigos do mundo real, fazer, a bem da minha vontade, umas visitas à querida mamã, à Veva, à minha boa ama, aos meus excelentes padrinhos e bem assim à nossa criada M. G. Até breve, Quim, até breve. Tua amiga de sempre — M.»

No dia 3 do mesmo mês. Passeando pelo meu jardim, vi aparecer aquela que eu chorava sentidamente e com vera saúde. Disse, beijando-me:

— Previne-os, para que, hoje, às 22 horas, me esperem em casa da mamã. Até logo, Quim.

E desapareceu, repentinamente. Não fôra sonho, nem alucinação, porquanto um câosito, Mope, que eu tenho, ladrrou e arremeteu contra a aparição. Uma das minhas criadas, ao almoço, disse-me, apreensiva e com modos esquisitos:

— Era bem bonita aquela môça, com quem o senhor estava há pouco, no jardim! Como é que ela entrou, sem nós darmos por isso?

— Era a minha prima M. que me apareceu — respondi tranqüilamente e sem me importar com o espanto da minha velha criada que, por um triz, deixava cair a chocolateira com o chocolate.

Depressa, porém, se recompôs, tanto que me disse, imediatamente:

— Na verdade, era a sua figura... Como é que não reconheci aquela boa menina? Não me admiro que ela apareça, porque era um anjo e somente os anjos é que nos aparecem!...

— Se a Ermelinda a quiser ver melhor, vá logo à casa da minha prima Isabel, a quem vou já prevenir.

* * *

Às 22 horas estávamos todos, sem excluir a Ermelinda. Batiam as horas no relógio da sala de jantar, quando a Maria Gertrudes, criada da minha prima, caiu desmaiada sobre um divan. Instantaneamente apareceu M., que me tomou a mão e me levou à secretária, onde escreveu, por meu intermédio:

«Não toquem na Maria Gertrudes. Ela vai servir de muito! Tapem-lhe o rosto com um pano verde, por causa da luz. Substituam as lâmpadas eléctricas por outras de menos intensidade, não por minha causa, mas porque ela não poderá suportar a luz. — M.»

Assim se fez e a aparição disse, em voz que todos os presentes ouviram: — Estejam calmos. Passados alguns instantes, deu uns passos e tomou a minha mão. Dirigiu-se à sua mãe, a quem abraçou e beijou, ternamente.

— Não chores, mãezinha. ; Eu sou feliz... muito feliz!

Abraçou e beijou a irmã, a Veva, o Dr. A. de O. e a esposa dêste, a ama que a criara com muito carinho e amor e à qual disse:

— Obrigada, querida amiguinha, por todos os teus cuidados.

— ; Amiga, não sou anjo!... Todavia, fiquei e fico muito sensível às tuas boas palavras. Continúa a cuidar do Quim, que é muito teu amigo!

Em seguida, dirigiu-se ao doutor e lhe perguntou, sorrindo e batendo-lhe amigavelmente na mão direita:

— ; Então, caro padrinho e grande materialista, ainda não estás convencido? Faz muita falta, nas Faculdades de Medicina, uma cadeira de Psicologia Experimental.

E deu uma grande risada, acrescentando:

— ; Não te zangues comigo, padrinho! ; Longe de mim a ideia de te arrelhar! Vem cá, perto de mim.

Sempre com a minha mão presa à sua, encaminhou-se para o médico. A luz de duas lâmpadas de quinze velas iluminava perfeitamente a cena. A aparição lhe estendeu a mão pequenina:

— Toma-me o pulso... ; Bem!... Encosta o teu ouvido ao lado esquerdo do meu peito. ; Ouves o coração?... ; Ouves, sim, padrinho, e muito bem! Agora, ausculta-me o pulmão direito... ; Parece um fole de ferreiro, não?... ; Terás coragem de relatar o que viste e sentiste? Assim o espero.

— Quereria ver uma impressão digital — pensou o doutor.

Apenas acabara êle de formular em mente êsse desejo, eis que M. me leva outra vez à secretária e, tomando da minha mão, escreveu:

«; Ah! incrédulo padrinho! ; Queres então a minha impressão digital? Li no teu pensamento êsse desejo, que vou satisfazer imediatamente. Quim, vai buscar a almofada de tinta do teu carimbo de borracha e papel fino, visto que preciso acabar de convencer a êste nosso bom amigo...»

Cumprida a ordem, a aparição, completamente materializada e com uma nitidez impressionante, curvando-se sobre a mesa, molhou o dedo no *tampom* Pelikan e fez a impressão do seu dedo. E voltou a escrever, por meu intermédio:

«Vai buscar o meu bilhete de identidade e que se destinava a documentar o processo do nosso casamento. Está na gaveta esquerda do meu toucador, dentro de uma sobrecarta larga, de cor azul. É preciso que êste nosso amigo fique convencido, repito.»

Verificou-se que a impressão digital era perfeitamente igual à do bilhete de identidade.

— Estou vestida com as roupas de Além, disse ela. Agora, olhem...

E rapidamente apareceu vestida de noiva, mas sem o véu. Eu, então, perguntei-lhe, mentalmente:

— ; E o véu?

Ainda não acabara de formular em pensamento essa pergunta, M. se dirigiu a mim, dizendo:

— ; Queres ver o véu que me dêste? ; Ei-lo!...

E, dizendo isso, agitou, com a mão que conservava livre, o véu com que fôra sepultada um mês antes.

Houve breve silêncio. De repente, ela se dirigiu ao padrinho e disse, respondendo a um pensamento que êle tivera, mas que não exteriorizara:

— Sim, podemos mudar de traje, quando isso nos convém. Vou mostrar-me com o vestido que trajava, quando agonizei.

Vimo-la envolta numa espécie de chama e, de súbito, apareceu com um gracioso vestido alfaiate, de cor azul, que estreara poucos dias antes de morrer. Em seguida, com a mesma rapidez, se mostrou vestida de noiva e, logo depois, com as vestes com que apparecera.

* * *

Posteriormente, várias vezes me tem aparecido essa querida morta. Seus conselhos, cheios de bondade e ternura, têm sido o melhor bálsamo para a minha imensa dor. Já apareceu mais cinco vezes nas nossas reuniões. Há dias, disse-me, pela escrita:

«A nossa médium está doente e temos de suspender as sessões por algum tempo. Mas, como tens a faculdade de me ver, dar-te-ei a consolação da minha visita, porque te quero amparar e fortalecer quanto possa.»

De facto, a querida alma me aparece amiudadas vezes, fazendo-se sempre anunciar por uma ligeira pancada na minha face ou no meu ombro direito. Anunciou-me a morte de um amigo, duas horas antes do trespassse. Nesse momento, tomou-me as mãos e disse:

— Vamos orar por êle!... ; Bem precisa dêsse auxílio, coitado!...

Perguntando-lhe eu quando me iria juntar ao seu Espírito amado, respondeu:

— Não tenhas pressa. Tens ainda de cumprir a tua missão de marido e de pai. Saberei aconselhar-te, quando chegar o momento. Todavia, posso informar-te do seguinte: quando, por três vezes seguidas, me vires vestida de noiva e a dizer-te: é chegado o momento, prepara-te para vires ter comigo. Verás, porém, ainda, muitas desgraças sobre êsse pobre planeta!... Sê caridoso, ama aos desgraçados, socorre-os e ampara-os com conselhos de amigo e de irmão. Perdoa a má vontade e as injúrias. Não te vingues de quem te fizer mal, ou tentar fazê-lo. Pensa em mim com a mesma ternura de sempre. Acompanha com a tua amizade minha pobre mãe e irmã, que se não resolvem a ver, na minha partida do mundo, o cumprimento do destino que busquei, de acôrdo com o meu Guia. Chama-as à razão, porque suas lágrimas me perturbam imensamente.

* * *

Cumprindo o desejo de M., que me pediu divulgasse estes factos, publico-os, a-pesar-de tudo e de tôdas as ameaças de pessoas pouco esclarecidas, que já têm vexado inocentes, aproveitando-se das suas posições.

AS CURAS DO ABADE DE REMELHE

De O Século de 12 de Abril último, transcrevemos a seguinte notícia de Barcelos:

BIBLIOGRAFIA

50 ANOS DEPOIS (romance de Emmanuel).
Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.
Edição da Federação Espírita Brasileira.

ESTE romance admirável é a continuação, até certo ponto, do «Há dois mil anos».

A figura central, agora, não é o ex-senador Públio Lentulus Cornélio, reencarnado no escravo Nestório, mas o espírito sublime de Célia, que Roma canonizou.

Nota-se, contudo, a mesma efabulação e a mesma preocupação de nos ilustrar acerca das leis eternas de causa e efeito, ou, como disse Jesus Cristo, de a cada um segundo as suas obras.

As personagens movimentam-se no mesmo ambiente da Roma pagã, no reinado do Imperador Élio Adriano, já no II século da nossa era.

Note-se que, apesar da benevolência daquele imperador, ainda os cristãos continuam a ser considerados conspiradores do Império e a servirem de gáudio aos espectadores do Circo. O Cristianismo, não obstante essas perseguições sangrentas, continua a sua propaganda intensa do Evangelho e conquista para as suas fileiras adeptos em massa. É o que nos demonstram os capítulos deste romance de Emmanuel.

Desta sorte, assistimos a uma revolução moral imensa e profunda, em que os ídolos pagãos perdem a sua ascendência, para a cederem à doutrina do Nazareno, que se sacrificou pela humanidade sofredora.

É comovedora e emocionante a descrição daquela época remota, na qual o martirólogo cristão é edificante e contagioso.

As catacumbas continuam ainda a ser o cenário,

onde se desenrolam as cenas patéticas das conversões espontâneas.

Nestório, que neste romance se apresenta como escravo, liberto por Helvidio Lucius, é agora um apostolo fervoroso e eloquente, cuja convicção na doutrina do Cristo conquista e arrebatava as multidões dos sofredores de todas as categorias sociais. Não são já os escravos e os pobres habitantes dos bairros da Suburra e do Esterquilínio, que acorrem às prédicas cristãs; são também os ricos e orgulhosos senhores do patriado que, torturados por sofrimentos morais, buscam na religião que desponta um alívio para as suas angústias flagelantes.

* * *

A figura central, porém, é a de Célia, cuja alma consubstancia os princípios evangélicos, na sua simplicidade cândida e pura.

A análise que Emmanuel faz desse espírito superior, é, de facto, inigualável. Através dela, compreendemos melhor a sublime doutrina do perdão e da renúncia. A figura de Nestório apaga-se para dar realce à de Célia, a filha de Helvidio Lucius e Alba Lucínia.

Recomendamos aos leitores, especialmente aos que constituem a *Juventude Espírita* do nosso Centro, esta obra literária magnífica, para compreenderem melhor os fins da nossa peregrinação planetária. É a forma prática de se aperceberem da doutrina espírita por um processo simples e ameno.

É possível que Emmanuel, no transcurso da sua ascensão espiritual, tenha animado mais algumas per-

BARCELOS, 11. — Na freguesia de Remelhe, a cinco quilómetros desta cidade, fala-se muito, desde há tempos, no poder que o abade da mesma freguesia possui para curar todas as doenças. Tal fama tem ali atraído, dos mais distantes pontos do País, em busca de lenitivo para os seus males, centenas de doentes desiludidos da medicina. Aos domingos chegam a posar-se nas proximidades da residência paroquial, junto à igreja da freguesia, mais dum milhar de pessoas, que se deslocam em automóveis e camionetas e que, pacientemente e cheias de fé, aguardam a vez de serem recebidas pelo sacerdote.

A acção deste resume-se em tocar simplesmente os enfermos ou a receitar-lhes medicamentos da sua limitadíssima farmacopeia vegetal: chá de loureiro por ele preparado, para os doentes do fígado, etc. Outras vezes, por exemplo, para os que padecem dos rins, manda atar à cinta um cordel fornecido por ele próprio.

Hoje, como nos dias anteriores, algumas dezenas de homens, mulheres e crianças, encaminharam-se para a casa do pároco, dando a ideia duma romaria. Entre as pessoas que para ali se deslocaram, contavam-se a sr.^a D. Bernardete Ribeiro de Almeida Govina, de Vila do Conde, com um filho de cinco anos, Francisco Almeida Govina, que há mais de dois anos sofria

dum curvamento pronunciado da espinha, que mal lhe permitia mover-se, pois afirma-se que, quando regressou de Remelhe, a criança estava curada. O sacerdote limitara-se a pegar na criança ao colo. O caso deste pequenito é referido por toda a gente, com espanto.

Também de Vila do Conde foi procurar o «padre de Remelhe», a sr.^a Angela Leal Coutinho Loureiro, de 51 anos, doente duma perna, há cerca de três semanas. Sentiu dores horribéis, em consequência duma flebite, que o médico diagnosticara. Foi ela própria que nos contou haver sido recebida pelo abade, que, depois de a ter tocado, dirigindo-lhe palavras de conforto, a mandou rezar no templo da freguesia. Quando se levantou, finda a oração, as dores tinham passado, embora o inchaço da perna continuasse.

Além destes, citam-se centenas de casos de cura completa de pessoas que sofriam de variadíssimas doenças.

No desejo de atender toda a gente que o procura, o sacerdote dá consultas até alta madrugada, sendo freqüente conservar-se a pé até às 3 e 4 horas. Apesar de ser ainda novo — pois pouco mais tem de 30 anos — denota certo abatimento físico, talvez em consequência do excesso de trabalho. É abade da freguesia de Remelhe há cerca de ano e meio.

sonagens além das de Públio Lentulus e Nestório, para que atinja a espiritualidade de que agora disfruta. Por isso, seria interessante que ele nos contasse, pela mesma forma, em romances subsequentes, a biografia dessas personagens. Essa colecção teria um valor inestimável e formaria um dos maiores sustentáculos da nossa doutrina redentora. Com ela, constituiríamos um código prático da teoria reencarnacionista, que alguns sectores do Espiritismo ainda não aceitam...

Dados os recursos literários desse belo espírito, e a proba e inconcussa mediunidade psicográfica de F. Cândido Xavier, não é de admirar que em breve tenhamos esse conjunto biográfico.

S. E. M.

ROMA E O EVANGELHO, por D. José Antigo y Pellicer, 4.^a edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

ROMA E O EVANGELHO é um livro já muito conhecido pelos espiritas da velha guarda, mas que, pelo seu repositório de verdades insofismáveis, ainda é considerado como *vade mecum* dos que perfilham as nossas doutrinas.

O volume é dividido em três partes.

A primeira, demonstra a razão por que os componentes do *Círculo Cristiano Espirita* de Lérída enveredaram pelo caminho da investigação, que os levou à sua profissão de fé espirita; a segunda, dá-nos essa demonstração baseada nas 34 comunicações ou ensinamentos dos Espíritos, que robusteceu a crença dos investigadores; a terceira, filia o Espiritismo cristão nos textos dos livros sagrados, interpretando-os em espírito e verdade.

Também nesta última parte encontramos três testemunhos valiosos sobre o Espiritismo: do abade Almignana, Alfred Russel Wallace e de Victorien Sardou. E para o volume fechar com chave de ouro, publica ainda o célebre discurso do Bispo Strossmayer no Concílio Ecuménico de Roma, em 1870, presidido por Pio IX, no qual aquele Bispo escalpelizou a infalibilidade papal, e demonstrou, com dados históricos, que «o episcopado de S. Pedro e a sua residência em Roma se devem classificar no número das lendas mais ridículas!»

São estes os assuntos que enfeixam esta bela obra espirita. Pela forma desassombrada e viril como a matéria está exposta, merece leitura atenta, porque ela valoriza os nossos postulados perante os contraditores do sector católico.

Diz-nos o tradutor, no seu prefácio, que os membros do supracitado Círculo eram padres ilustrados que, «não podendo conciliar a estreiteza da doutrina romana com a extensão da obra traçada por Deus, sentiam que algo de humano precisava ser removido — e que o Espiritismo devia ser, por ventura o motor de tal depuração».

Assim pudessem falar muitos sacerdotes do rito católico! Mas, não; a disciplina e as situações criadas ao abrigo das regalias usufruídas pelo clero, não são de molde a esperar-se do mesmo qualquer gesto semelhante ao dos padres de Lérída. É por isso que a atitude assumida pelos associados do Círculo Cristiano é de louvar pela forma corajosa como enfrentaram o anátema de Roma. Isto sucedeu há perto de 70 anos, quando o Espiritismo dava os seus primeiros passos, sob o aspecto científico.

Roma e o Evangelho, a-pesar do título, não é um livro demolidor, na acepção do termo; é antes um farol no meio das trevas dogmáticas. A-pesar-de impugnar as bases da fé cega e defender a fé raciocinada, não o faz com truculências de forma; pelo contrário, defende as suas idéas com nobreza e correcção, sempre baseado na caridade cristã. E a prova está neste passo, que transcrevemos da pág. 237:

«Se alguém chegar a supôr que escrevemos por ódio à classe sacerdotal, nós lhe perdoaremos e dêles nos compadeceremos; os membros dessa classe são, como os outros homens, nossos irmãos, e amamo-los a todos».

Em toda a prosa do livro não se vislumbra qualquer apreciação ao catolicismo, que não seja feita dentro dos moldes da correcção e do amor pela verdade.

Roma e o Evangelho é, pois, um livro admirável que merece ser lido pelas novas gerações espiritas, porque o assunto que ventila é sempre palpitante e actual.

S. E. M.

AMOR, VIDA E EVOLUÇÃO, por Fernando da Cruz Ferreira. Conferências de divulgação neo-espiritualista realizadas no Porto, Coimbra e Lisboa, nos anos de 1939 e 1940.

O PÚSCULO de 104 páginas de texto em que o autor coligiu os seus últimos trabalhos de divulgação espirita. A abrir, o Director desta revista, Isidoro Duarte Santos, escreveu «Duas palavras» de incitamento, para que a produção continue.

O simples enunciado das quatro conferências patenteia a importância dos assuntos tratados: *Amor, Vida e Evolução; a Lei da Reencarnação através das antigas religiões e filosofias; O Espiritismo através das Escrituras Sagradas, e a Lei da Reencarnação através da Bíblia Sagrada*.

Todas estas conferências se baseiam em ensinamentos bíblicos que o conferente mostra conhecer sem hesitações.

Cruz Ferreira é um espirita dedicado e trabalhador incansável que não se tem poupado a nenhum esforço, seja de que natureza for, para projectar a luz da doutrina espirita e para «fazer bem sem olhar a quem», como mandam as regras cristãs.

A edição é do autor.

F. R.

EÇA DE QUEIROZ PÓSTUMO, por Fernando de Lacerda.

A Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira publicou, em separata, as mensagens de Eça de Queiroz, do Além, recebidas pelo médium português Fernando de Lacerda, dispersas pelos quatro volumes de «No País da Luz», as quais vêm acrescidas de duas outras mensagens recebidas pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, a última das quais tem a data de 6 de Dezembro de 1934. Estas duas últimas mensagens não desmerecem das que as antecedem.

A produção mediúnica de Francisco Cândido Xa-

Vocabulário de metapsíquica

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

Lucidez sonambúlica — Percepção supranormal. (Veja-se *clarividência*).

Macrocosmos — O Universo considerado como organismo vivo.

Magnetismo animal — Expressão empregada pela primeira vez pelo jesuíta Kircher, para designar uma espécie de energia emitida pelo corpo humano e que produz efeitos fotoquímicos, terapêuticos, mumificados, etc. Fluido magnético. *Od* (Reichenbach).

Magnetografia — Impressão produzida na película fotográfica pelo fluido magnético.

Magnetómetro — Aparelho inventado pelo abade Fortin para medir a intensidade do fluido magnético.

Materialização — Fenômeno que consiste na passagem a um estado sensível, por um mecanismo desconhecido, de uma matéria anteriormente subtraída à acção dos sentidos. Corporificação de entidades metanóicas. O caso mais célebre de materialização completa foi a de *Katie King*.

Médium — Indivíduo particularmente dotado para servir de intermediário entre os espíritos e o mundo físico. Conforme a natureza dessa aptidão, assim o qualificativo que se lhe junta: *médium auditivo*, *médium vidente*, etc. Para os fisiologistas, esta designação deve ser substituída pela de *automatista*. Os metapsiquistas materialistas, desde que não admitem a existência dos espíritos, não aceitam a necessidade de um mediador e por isso preferem empregar a expressão «sujeito metapsíquico».

Metabiose — Designação proposta por Bret para os efeitos orgânicos ou biológicos produzidos sobre qualquer organismo vivo, por meios supranormais.

Metacromática — Música supranormal directa.

vier, tanto em verso como em prosa, é já monumental: *Parnaso de Além-túmulo*; *Crônicas de Além-túmulo*; *Cartas de Uma Morta*; *Brasil, coração do mundo*, *pátria do Evangelho*; *Há dois mil anos*; *Novas mensagens de Humberto de Campos*; *50 anos depois*, e, agora, *Eça de Queiroz póstumo*.

A capa é ilustrada com a fotogravura da estátua erigida a Eça de Queiroz: «Sob a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da fantasia».

O livro termina com umas páginas de comentário, sob o título — «A glória estilística de Eça de Queiroz», elaboradas pelo distinto escritor espirita Almeirindo Martins de Castro.

A crítica à prodigiosa obra mediúnica de Fernando de Lacerda está feita há muito tempo. O acrescentamento das duas mensagens, relativamente recentes, recebidas pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, igualam as precedentes, como dissemos, no encanto do estilo, na ironia fina e no sarcasmo apropriado ao assunto.

Felicitemos a *Livraria Editora* por mais esta edição.

F. R.

Metacinésia — Deslocamento de objectos sem contacto (*telecinésia*) ou cujo contacto é insuficiente para os produzir (*paracinésia*).

Metafonia — Voz directa, produzida por entidades metanóicas (Bret).

Metafotismo — Luzes metapsíquicas (Bret).

Metaglôssia — Mensagem oral de entidades metapsíquicas, obtida por meio dos órgãos vocais do médium.

Metagnomia — Nome empregado por Boirac, equivalente à *criptestésia* de Richet, à *panestésia* de Wasielewsky, à *telestésia* de Myers e à *metagnóia* de Bret. Sudre reconhece o carácter especial dos fenómenos espíritas a ponto de os incluir numa classe à parte, a da «metagnomia espírita».

Metagnomia táctil — Expressão equivalente à psicomетria de Buchanan e do Dr. Denton.

Metagnóia — Veja-se *criptestésia* e *metagnomia*.

Metagrafia — Termo empregado por Bret para designar a *escrita automática*.

Metamnésia — Resíduo mnésico que, segundo os metapsiquistas materialistas, sobrevive por algum tempo à morte orgânica, constituindo a fonte de informação a que os médiuns recorrem para tomarem conhecimento dos factos ocorridos com o falecido (Bret).

Metanoísmo — Encarnação ou encorporação espiritista, possessão. (Veja-se *prosopopese*).

Metanóico — Relativo ao *metanoísmo*.

Metapopese — Termo empregado por Myers para designar as acções supranormais que se exercem sobre a estrutura atômica da matéria.

Metaplásia — Materialização de espíritos de vivos, bilocação, impressões mentais produzidas sobre a película fotográfica.

Metapsíquica — Transmissão do pensamento, telepatia.

Metapsíquica — Termo criado por Richet para designar a «ciência que tem por objecto os fenómenos mecânicos ou psicológicos devidos a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas, latentes na inteligência humana».

Metapsiquismo — Designação dada por Bret ao elemento supranormal do homem e dos animais. Equivalente à *força psíquica* de Crookes, à *força ectênica* do prof. Thury, ao *od* de Reichenbach.

Metapsiquista — O que se dedica ao estudo da metapsíquica.

Metarsismo — Elevação no ar, de qualquer corpo produzida por meios supranormais (Bret).

Metasoma — Corpo astral, perispírito, aura psíquica (Bret).

Metatesis — Termo empregado por Hartmann, equivalente a «metarsismo».

Metempsicose — Doutrina hindu, segundo a qual as almas transmigram de uns corpos para outros, em harmonia com as suas necessidades de aperfeiçoamento e as condições impostas pelo *Karma*.

Metergia — Termo criado por Bret para designar a acção supranormal que pode apresentar três tipos: *metideogenia*, *metacinésia*, *metabiose*. Veja-se *telergia*.

Metestésia — Designação dada por Bret à sensação produzida por um fenómeno metapsíquico de natureza material.

Meteter — Nome dado por Myers ao meio próprio dos fenómenos telepáticos.

Metideogenia — Nome dado por Bret à produção de formas materializadas. *Ectoplasma* (Richet), aparição.

Moldagem — Molde de gesso que reproduz mãos, pés ou o rosto de fantasmas materializados e se obtém através de um negativo produzido em parafina. O processo operatório consiste em pedir à entidade materializada que meta a mão ou o pé numa tina com água quente, tendo parafina fundida em suspensão. Quando se retira do vaso, a mão ou o pé fica coberto de uma delgada capa de parafina que toma consistência em contacto com o ar, e fica óca pela desmaterialização da forma que a produziu. Enchendo com gesso a luva assim obtida reproduz-se a forma ectoplásmica inicial.

Monição — Advertência que ocorre accidental e súbitamente a pessoas no estado normal, a respeito de qualquer acontecimento, passado ou presente. Quando se refere a acontecimentos futuros diz-se premonição.

Monoideísmo — Idea fixa.

Música transcendental — Expressão empregada por Bozzano para designar a música que se ouve em certas ocasiões, como por exemplo em câmaras mortuárias, sem que seja produzida por nenhum instrumento. Veja-se «*metacromática*».

Necromância — Arte adivinhatória que tem por base a invocação dos mortos.

Neurodinamómetro — Aparelho inventado pelo Dr. Planat para medir a força nêurica ou magnética.

Nous — Nome pelo qual Platão designava o espírito.

Objectivação de tipos — Nome dado por Richet aos fenómenos que consistem em fazer desempenhar um determinado papel a um sonâmbulo, por meio de uma sugestão conveniente.

Obsessão — Acção persistente, geralmente perniciosa e com carácter de idea fixa, exercida por um espírito sobre uma pessoa sem conseguir, aliás, apossar-se-lhe do corpo, como na possessão.

Ochema — Designação dada por Platão ao veículo do espírito. Corresponde ao *ocheumata* dos neo-platónicos, ao *corpo astral* dos teósofos e ao *perespirito* dos espiritistas.

Od — Nome dado por Reichenbach à *força psíquica* (Crookes).

Oniromância — Arte de interpretar os sonhos.

Oráculo — Palavra que exprime, quer as mensagens transcendentais que as Pítias transmitiam, quer o local onde essas mensagens se obtinham, quer ainda os deuses a quem se atribuíam. O oráculo de Apolo Pítico, em Delfos, era considerado o mais célebre da antiguidade.

Palingénésia — Doutrina, segundo a qual as almas passam por diversos corpos para se aperfeiçoarem e depurarem. Transmigração das almas; reencarnação.

Panestésia — Designação dada por Wasielowski à *clarividência* ou *lucidez* dos antigos magnetizadores.

Metagnomia (Boirac); *criptestésia* (Richet); *metagnósia* (Bret).

Pamnésia — Termo criado por Myers, equivalente a *pantomnésia* (Richet) e *criptomnésia* (Flournoy).

Panspermismo — Doutrina que admite que em toda a parte há germes orgânicos que aguardam condições favoráveis para se desenvolverem.

Pantomnésia — Nome proposto por Richet «para indicar que a memória não esquece nada e tudo o que impressiona os nossos sentidos fica registado no cérebro inconsciente».

Paracinésia — Termo proposto por J. Maxwell, equivalente a *paraquinésia* e a *telecinésia* (Arsakoff).

Parapsíquica — Termo proposto por Boirac para designar a ciência a que Richet chamou *metapsíquica*.

Paraquinésia — Termo empregado por Maxwell para designar os deslocamentos de objectos com ligeiro contacto do médium, quando esse contacto não é suficiente para os produzir.

Pêndulo explorador — Instrumento de que se servem alguns rbdomantes para descobrirem nascentes subterrâneas.

Perispírito — Envólucro do espírito, de natureza semi-material, que o corporiza. Termo equivalente ao *mediador plástico* de Cudworth, ao *arqueu* de Van Helmont, ao *evestrum* de Paracelso, ao *ocheumata* dos neo-platónicos e ao *ochema* de Platão. Lancelin chama-lhe *aërosoma* e Bret designa-o por *metasoma*.

Personalidades — Entidades metanóicas que se revelam quer no sonambulismo (*personalidades sonambúlicas*), quer no transe mediúnico (*espíritos*). As personalidades sonambúlicas podem ser produzidas por sugestão, ou corresponder a uma fase regressiva da vida do próprio sujeito, que assim revive uma época já passada (*ecmnésia*).

Personificação — Produção de personalidades metapsíquicas. Objectivação de tipos (Richet).

Pluralização — Produção ectoplásmica de entidades metanóicas que se manifestam independentemente e simultaneamente com o médium.

Pneumatofonia — Mensagem verbal produzida directamente pelos espíritos. Psicofonia.

Pneumatografia — Escrita directa. Criptografia.

Polimorfismo — Personificações subconscientes, objectivação de tipos por sugestão.

Polinoísmo — Manifestação simultânea de várias personalidades que não revestem formas ectoplásmicas, pelo que difere da «pluralização» (Bret).

Polipsiquismo — Conjunto de elementos psíquicos que, segundo Mackenzie, forma uma personalidade efêmera, à qual atribue os fenómenos supranormais de carácter subjectivo.

Possessão — Domínio irresistível exercido sobre o organismo do sujeito, por uma entidade metanóica hostil.

Pragmagnósia — Termo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal.

Prana — Fluido vital.

Precognição — Conhecimento antecipado de factos. Premonição.

Premonição — Veja-se *precognição*.

Preságio — Sinal que serve para adivinhar o futuro; conjectura que esse sinal sugere.

Profecia — Predição das coisas que vão acontecer.

Progeração — Termo que Myers opõe a *degeneração*.

Prognózia — Conhecimento antecipado do futuro.

Promnésia — Recordação de factos de que se tomou conhecimento, antes de se terem produzido (Myers). Dêste modo, a promnésia consta de duas fases: 1.ª — premonição de determinado acontecimento; 2.ª — lembrança de se ter sonhado o facto, quando êle se realiza (Bret).

Prosémia — Revelação de um acontecimento futuro. Sinónimo de *premonição*, *precognição*, *prognózia*.

Prosopopese — Termo empregado por Sudre para designar «toda a modificação brusca, espontânea ou provocada, da personalidade psicológica». Compreende os fenómenos de divisão e alteração da personalidade produzidos por sugestão ou de carácter patológico, possessão e encarnação.

Psicagogo — Sacerdote que procedia à invocação dos mortos, nos mistérios gnósticos.

Psicode — Termo proposto por Thury, equivalente ao de Reichenbach. A *força ecténica* que, segundo Thury, produz todos os fenómenos telequénéticos, não é mais do que a exteriorização do psicode.

Psicodinamia — Termo empregado por Boirac para designar os «fenómenos em que um ser animado parece agir sobre outros seres animados (*psicodinamia vital*) ou sobre a matéria bruta, (*psicodinamia material*), por intermédio de uma força *sui generis*, distinta de todas as forças conhecidas, ainda que análoga às forças radiantes ou circulantes, tais como o calor, a luz, a electricidade e o magnetismo». Magnetismo animal.

Psicofonia — Manifestação metanóica, produzida através dos órgãos vocais do médium.

Psicofotismo — Luzes que acompanham as aparições ou quaisquer fenómenos luminosos de carácter supranormal.

Psicognózia — Conhecimento supranormal (Bret).

Psicografia — Mensagem supranormal obtida por escrita mecânica ou semi-mecânica (Kardec).

Psicomância — Termo equivalente a *necromância*.

Psicometria — Termo criado por Buchanan, pseudónimo da esposa do geólogo norte-americano Denton, para designar os fenómenos que obteve de reconstituição de paisagens das épocas remotas da evolução terrestre, cujas descrições eram evocadas pela observação e pelo contacto de fragmentos de terrenos daquelas épocas geológicas. Embora a imaginação tivesse desempenhado aqui um papel preponderante, o certo é que outros sensitivos têm conseguido reconstituir fielmente certas cenas passadas, limitando-se a tocar em objectos que com elas se relacionam. Richet propõe para estes fenómenos o nome de *criptestésia pragmática*. Na psicometria é frequentemente incluída também a *clarividência* e a *lucidez*.

Psicopatia — Termo empregado por Boirac para designar os «fenómenos que têm essencialmente por ponto de partida uma certa modificação tanto do estado mental como do estado nervoso dos sujeitos em que se produzem, e que consistem ora na exaltação ora na inibição anormais das faculdades psicológicas ou das funções vitais».

Psicoplásia — Materialização de entidades metapsíquicas, moldagens transcendentais, fotografia espirita.

Psicorrágia — Nome proposto por Myers para designar os fantasmas de vivos.

Quiromância — Arte adivinhatória que pretende interpretar as rugas das mãos.

Rabdomância — Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem veios de água, ou jazigos minerais subterrâneos. Uma forma de *metagnomia*.

Rabdomante — Sujeito que possui a faculdade da rabdomância.

Radiações psíquicas — Emanações relacionadas com a actividade mental e impulsionadas pela vontade, susceptíveis de impressionar a chapa fotográfica.

Raios rígidos — Designação dada por Ochorowicz aos filamentos ectoplásmicos que servem de veículos dos fenómenos de *metacinésia* e *telecinésia*. Notzing chama-lhes *eflorescências rígidas*; Morselli dá-lhes o nome de *neoplasmas*, e Botazzi de *membros mediúnicos*.

Raios V — Raios atribuídos ao fluido vital, pelo coronel Darget e pelo Dr. Baraduc.

Raps — Ruídos supranormais.

Reencarnação — Regresso do Espírito à vida corporal. Palingénia. Segundo a doutrina reencarnacionista, as almas aperfeiçoam-se, atravessando sucessivas fases de encarnação e de desencarnação, e diferem umas das outras, não na sua essência, mas no seu grau de desenvolvimento, como frutos da mesma árvore em diferentes estados de maturação. Dêste modo, o problema do mal encontra uma solução compatível com os atributos de Deus e a vida póstuma é uma fase de evolução e não um estado último e definitivo que dependa dos acontecimentos de uma vida única e breve.

Regressão da memória — Fenómeno que consiste em fazer retrogradar a consciência do sujeito de modo a fazê-lo reviver fases anteriores da sua vida, e remontar até além do nascimento. As experiências de Rochas têm sido verificadas e confirmadas por muitos outros experimentadores.

Ruminação — Hipótese imaginada por Dingwall para explicar os fenómenos de materialização produzidos por Marta Béraud (Eva Carrière) e que consiste em supor que o médium esconde no estômago ou no tubo digestivo as imagens e os objectos que aparecem nas sessões e regorgita no momento próprio, voltando depois a ingorgitá-los.

Sarcosoma — Designação dada por Lancelin ao corpo físico.

Sonambulismo — Estado especial em que se manifestam faculdades supranormais.

Sonâmbulo — O indivíduo que apresenta sintomas de sonambulismo.

Subconsciente — Departamento psicológico mais ou menos obscuro, formado por sensações que não chegam a converter-se em percepções e por outras que deixaram de ser conscientes. O subconsciente implica uma sensibilidade especial (*criptestésia*) e uma memória que regista as impressões colhidas por essa via (*criptomnésia*).

Subliminar — Termo proposto por Myers para designar a actividade subconsciente, que produz certos fenómenos supranormais. Além do subliminar, Myers admitia mais dois departamentos psicológicos que eram o *supraliminar* e o *inconsciente*.

Subnormal — Tudo aquilo que ultrapassa os limites do normal. Fenómeno que parece transgredir as leis conhecidas, ou que, pelo menos, se apresenta com carácter pouco vulgar.

NOTICIÁRIO

«Estudos Psíquicos» e a Imprensa

A bela revista brasileira *Novo Horizonte*, editada no Rio de Janeiro, pelos discípulos de «Antônio de Aquino», teve a gentileza, que muito agradecemos, de transcrever integralmente o artigo do nosso Director, intitulado «Carta aos irmãos do Brasil», publicado no n.º 3 desta revista. O coronel sr. Júlio Gaertner, director daquela publicação, faz acompanhar o artigo de interessantes considerações, as quais terminam com os seguintes períodos, que gostosamente transcrevemos:

«Da nossa modesta revista «Novo Horizonte», luz fraquíssima em nosso Brasil, agradecemos a expansão carinhosa da vossa carta e enviamos aos irmãos portugueses o abraço espiritual da corrente de Antônio de Aquino, almejando, como vós pensais, a união mais sólida, a confraternização espirita — Portugal e Brasil — para os nossos dias, a-fim-de prepararmos o ideal maior, de confraternização dos homens do nosso planeta, no fim do actual século. Assim como existe também no Ideal Divino — a fraternidade dos espíritos, nas muitas moradas da casa do Pai, onde a Pátria é una, para todos os seres. Saudações na vossa comemoração centenária. Abraços e vibrações sinceras, sob o Amor único de Deus, para o Bem, é o que desejamos aos irmãos de Além-Mar».

Esta revista teve a espontânea amabilidade de inserir um anúncio de *Estudos Psíquicos*.

Agradecemos também «A psicologia dos Lusíadas» e «A Cachoeira dos Pirilampos», que o seu director nos enviou, com amável dedicatória.

Telemnésia — Termo criado por Hyslop para designar a percepção supranormal, quando o percipiente vai buscar os elementos ao subconsciente de pessoas afastadas. Difere da *telestésia*, porque nesta a percepção a distância parece ser directa, isto é, não se socorre do subconsciente de nenhuma outra pessoa.

Telepatia — Termo criado por Myers para designar «a comunicação de quaisquer impressões de um espírito a outro, independentemente dos sentidos». Transmissão do pensamento, de sensações e de imagens em que o sujeito desempenha um papel passivo.

Teleplasma — Nome empregado por Schrenck-Notzing para designar o *ectoplasma*.

Teleplastia — Termo empregado por Schrenck-Notzing, equivalente aos termos: *ectoplasma*, *ectoplastia*, *ectoplásia*.

Telepsiquia — Termo criado por Boirac para designar os «fenómenos em que a acção psicodinâmica se exerce a grandes distâncias sem intermediários visíveis». Abrange a *telepatia* (telepsiquia passiva) e a *telestésia* (telepsiquia activa).

Telequinésia (ou *telecinésia*) — Deslocamentos supranormais de objectos, sem contacto.

Telequinetoscópio — Aparelho inventado por Price para comprovar os deslocamentos de objectos.

Telergia — Termo criado por Myers para designar

— *Vítimas da Guerra* voltou a referir-se à nossa revista em termos que bem demonstram o alto apreço em que é tida *Estudos Psíquicos*. Eis o que escreveu em seu número de 1-8-940 e cujas palavras nos servem de forte incentivo:

«Recebemos os n.ºs 3 a 5 desta interessantíssima publicação, à qual já fizemos a merecida referência, quando da visita dos primeiros números. Após a leitura destes três últimos números, só temos que confirmar o que anteriormente escrevemos. Texto variado e instrutivo, não somente para quem queira dedicar-se ao estudo dos assuntos psíquicos, mas também para quem apenas pretenda distrair o espírito e aumentar a sua cultura intelectual. Os nossos agradecimentos, pela remessa, ao ilustre director e proprietário, o nosso distinto camarada sr. tenente Isidoro Duarte Santos.

As nossas conferências

No dia 21 de Abril realizou o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, a conferência «A influência do Espiritismo no progresso». Esta conferência substituiu a que devia realizar no mesmo dia o confrade Fernando da Cruz Ferreira, do Porto, e que não pôde comparecer por motivo de doença.

No dia 23 de Junho, o sr. Artur Levy Gomes realizou a conferência intitulada «Karma».

No dia 14 de Julho, coube a vez à antiga secretária do Centro, Sr.ª D. Dinah dos Santos Lima, com o tema «Como eu compreendo a solidariedade». Foi a primeira vez que uma senhora usou da palavra no

a força material que intervém na telepatia. Sudre deu a esta palavra um sentido mais lato aplicando-a a quaisquer efeitos mecânicos, físicos e químicos da força psíquica. Nesta acepção abrange os fenómenos de *telequinésia* e de *hiloclástia*.

Telestésia — Termo criado por Myers para designar as percepções por via supranormal quando a fonte do conhecimento é o próprio espírito do percipiente. Equivale à expressão *telepsiquia activa*, de Boirac.

Tiptologia — Mensagem transcendental obtida por meio de pancadas.

Transfiguração — Modificação fisionómica que se observa em certos médiuns quando se manifesta neles uma entidade metanóica.

Vidência — Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem formas e objectos normalmente invisíveis. Os indivíduos em estado sonambúlico apresentam frequentemente esta faculdade.

Voz directa — *Metafonia*.

Xenoglóssia — Uso de uma língua que se não aprendeu e que se não conhece em condições normais, segundo a nomenclatura de Richet.

Xenonoísmo — Aparições espontâneas de fantasmas de defuntos.

nosso Centro e pode dizer-se que o fez com raro brilho, despertando imenso interesse nos ouvintes.

A fechar o ciclo de conferências deste ano espiritualista, falou o sr. Abreu Leitão, no dia 28 de Julho, acerca de «A sobrevivência da Alma».

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a deixar para o próximo número a «Subscrição pro-Sede», «Caixa de Propaganda» e «Auxílio a Estudos Psíquicos», bem como 10 páginas já compostas, do que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

Jogos florais espiritualistas

Chamamos a atenção de todos os confrades e leitores para o que, sob esta epígrafe, se diz no n.º 5 de *Estudos Psíquicos*. Novamente os convidamos a remeterem as suas produções, em prosa e verso, até o dia 15 de Outubro p. f.

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* transcreveu as seguintes nótulas da nossa «Crónica Estrangeira»: «O Espiritismo regenera» e «Uma sessão chinesa».

A *Reincarnação*, por sua vez, transcreveu o artigo «Perispirito», do nosso colaborador Manuel Tavares, além de alguns ecos da secção «Por esse mundo...». Gratos, pela deferência.

Emblemas do Centro

Dando satisfação aos desejos de grande número de confrades, o Centro E. Luz e Amor porá à venda, no dia da inauguração oficial da sua sede, um artístico emblema, que deverá ser usado por todos os sócios. O seu preço é de 5\$00.

Sessões experimentais

Como foi anunciado no número anterior, só os sócios munidos de *bilhete de identidade* poderão assistir às sessões experimentais, que terão início no dia 13 de Outubro, às 21,30 prefixas.

Água mole em pedra dura...

O Espiritismo alastra e contagia... Depois do magnífico semanário *O Trabalho*, de Vizeu, onde o nosso estimado confrade e amigo Ângelo Lameiras Fernandes mantém uma Secção permanente de Espiritismo, na qual tem transcrito quasi todos as nótulas da nossa «Crónica Estrangeira», aparece *Vítimas da Guerra*, quinzenário lisbonense, vigorosamente dirigido pelo sr. coronel M. de Campos Rêgo. Este belo jornal, cuja linha admirável o tem imposto à consideração dum público exigente e numeroso, abriu uma secção cultural redigida pelo nosso colaborador Faure da Rosa, que tanto tem elevado *Estudos Psíquicos*, com a

sua colaboração esplêndida e criteriosa. O primeiro artigo intitula-se *O inverosímil... «acreditável»* e ocupa três colunas e meia do jornal. O caso do usurário, passado com Axe! Munthe e contado por Faure da Rosa, é tão flagrante e elucidativo, que prometemos transcrevê-lo no próximo número desta revista.

Ângelo Lameiras Fernandes e Faure da Rosa, dois nomes a quem a Causa deve altos e inestimáveis serviços!

«Estudos Psíquicos» e as colectividades espiritas

O nosso confrade sr. Francisco Costa, presidente do Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, teve a bondade de nos escrever, comunicando a organização definitiva deste grupo, naquela cidade ribeirinha, acrescentando esperar que, «no futuro, se estabeleça o intercâmbio entre as nossas duas agremiações e que pleno acolhimento seja feito aos nossos associados, portadores do respectivo bilhete de identidade, pois igual acolhimento será prestado por nós aos nossos irmãos que visitem esta cidade ou desejem assistir aos nossos trabalhos».

Termina por comunicar: «por nossa decisão, é o Centro Espiritualista Luz e Amor considerado sócio honorário do nosso Grupo».

A esta desvanecedora carta já foi respondido, como convinha, agradecendo tão espontâneo gesto de confraternização.

Estudos Psíquicos está a estudar a maneira de alargar a sua expansão, tornando-se órgão, não só do Centro Espiritualista Luz e Amor, como, também, dos Centro e Grupos espiritas que no-lo solicitem. Com um pouco de vontade, poder-se-á atingir o interessante objectivo que temos em vista, mediante comum apóio, entre a revista e as agremiações espiritas, disseminadas pela província e que não têm possibilidade de fundar órgãos que defendam e propaguem os seus trabalhos práticos e doutrinários.

Ofertas de Livros

A Biblioteca do Centro E. Luz e Amor foi há pouco enriquecida com duas belas ofertas de livros. Uma do Dr. António J. Freire e outra da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro.

Ambas são valiosas e muito contribuirão para o fortalecimento desta colectividade, cujos associados poderão deliciar-se na leitura de obras excelentes.

A oferta da Fundação Marieta Gaio foi feita por intermédio do nosso Delegado Geral no Brasil, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, a quem o Centro deve os mais assinalados serviços e compõe-se de cerca de cem volumes ricamente encadernados.

Aos dois oferentes, apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Ler no próximo número o primeiro artigo do interessante estudo do Dr. Sebastião Elviro Martins: «Espiritofobia Protestante».